

INICIAÇÃO À VIDA CRISTÃ

Estudos da CNBB 97

APRESENTAÇÃO

Esta reflexão sobre “Iniciação à Vida Cristã” atende a um pedido da 46ª Assembléia Geral dos Bispos do Brasil, celebrada em 2006. Situa-se como um desdobramento do documento Diretório Nacional de Catequese (cf DNC 35-38; 45-50) aprovado pela 43ª Assembléia em agosto de 2005. Quer ser também uma resposta à interpelação de Aparecida: “[A iniciação cristã é] um desafio que devemos encarar com decisão, com coragem e criatividade, visto que em muitas partes a iniciação cristã tem sido pobre e fragmentada. Ou educamos na fé, colocando as pessoas realmente em contato com Jesus Cristo e convidando-as para seu seguimento, ou não cumpriremos nossa missão evangelizadora” (nº 287).

Para isso, “a Presidência da CNBB, nos termos do Art. 282 do Regimento, nomeou e apresentou ao Conselho Permanente uma comissão para tratar do tema Iniciação à Vida Cristã, que deverá ter tratamento de tema prioritário na Assembléia” . Essa comissão foi composta pela Comissão Episcopal Bíblico-Catequética e alguns convidados , constituindo-se em equipe de redação. Em três reuniões (outubro de 2008, fevereiro e março de 2009) elaborou-se o presente texto, que é agora submetido aos senhores Bispos.

O tema Iniciação, tão enfatizado no capítulo VI do Documento de Aparecida, e recomendado no nº 63 das Diretrizes Gerais da Ação Evangelizadora no Brasil, 2008-2010, não é novo na Igreja. Vem desde as origens do cristianismo e recebeu, nos séculos III ao V, uma estruturação específica, o Catecumenato, considerado ao longo dos séculos como um modelo privilegiado para o processo de Iniciação à Vida Cristã. Por ser uma iniciativa da

Igreja e para toda a Igreja o catecumenato não se restringe ao âmbito de algum grupo, movimento ou pastoral.

Para compreender e colocar em prática a Iniciação à Vida Cristã, com inspiração catecumenal, é de fundamental importância o Ritual de Iniciação Cristã de Adultos (RICA). Publicado pela Congregação para Culto Divino e aprovado pelo Papa Paulo VI em 1972 , este ritual obedece ao que o Concílio Vaticano II, pede em Christus Dominus, Sacrosanctum Concilium e em Ad Gentes, a respeito da retomada, com as devidas adaptações, do Catecumenato dos inícios da Igreja.

No decorrer dos séculos, porém, a Iniciação foi se limitando à preparação aos Sacramentos da Iniciação Cristã (Batismo, Eucaristia, Confirmação). Às vezes tal preparação foi reduzida a uma síntese doutrinal, enfeixada no tradicional estilo de catecismo, pressupondo a vivência cristã na família e na sociedade, marcadas, então, pelo cristianismo. Mas o mundo mudou e surgiu um amplo pluralismo, também, religioso. Esta situação dá margem a um crescente número de jovens e adultos que não foram batizados, para os quais, quando se interessam por ser cristãos, se recomenda o processo de Iniciação à Vida Cristã ou Catecumenato. Por outro lado, apesar dos grandes esforços da Igreja, particularmente através da catequese, grande número de batizados, não chegam a completar a própria iniciação à vida cristã, gerando uma multidão de batizados não evangelizados. Retomando o tema da iniciação, não se trata de querer manter a tradicional preparação aos sacramentos, com apenas um novo rótulo, sem nada mudar. Há também a realidade do grande número de batizados e fiéis na Igreja Católica, para os quais viver a fé nesse mundo em mudança torna-se um constante desafio. Estes fiéis sentem a urgência de um processo complementar de *Iniciação*, pois se vêem sem o apoio da família e da sociedade cristã, e sem condições de darem para si e para os outros as razões de sua fé, esperança e amor.

Com este texto sobre *Iniciação à Vida Cristã*, a Assembléia Geral da CNBB quer traçar as orientações fundamentais para a operacionalização da mesma, como pede a *Introdução* ao *RICA*, 12. Por outro lado, leva em conta que diz o *Documento de Aparecida*, n° 294: "Propomos que o processo catequético de formação adotado pela Igreja para a iniciação cristã seja assumido em todo o Continente como a maneira ordinária e indispensável de introdução na vida cristã e como a catequese básica e fundamental. Depois, virá a catequese permanente que continua o processo de amadurecimento da fé, na qual se deve incorporar um discernimento vocacional e a iluminação para projetos pessoais de vida". Trata-se, pois, de retomar a grande prática da iniciação cristã como *processo* profundo de mergulho na vida crista, processo que implica muitos agentes de pastoral; dentro desse processo a catequese não realiza apenas mudanças metodológicas, mas reveste-se de um verdadeiro novo paradigma (cf *Aparecida* 294).

O texto, entre tantas possibilidades, tomou como *esquema fundamental* o insistente pedido de *Aparecida:* "Impõe-se a tarefa irrenunciável de oferecer uma modalidade de iniciação cristã, que além de marcar *o que*, dê também elementos para *o quem*, o *como* e o *onde* se realiza. Dessa forma, assumiremos o desafio de uma nova evangelização, à qual temos sido reiteradamente convocados" (nº 287). Acrescentando-se um quinto elemento (*com quem?* e *onde*?), o texto ficou estruturado com esses cinco capítulos:

I – Iniciação à vida cristã: por quê?
II –Iniciação à vida cristã: o que é?
III – Iniciação à vida cristã: como?
IV – Iniciação à vida cristã: para quem?
V – Iniciação à vida cristã: com quem contamos? Onde?

Inicialmente pensado como uma Carta da CNBB, ao estilo paulino, a proposta foi, depois abandonada, mantendo-se, porém, uma linguagem sobretudo pastoral, bastante

próxima à linguagem da *Mensagem do Sínodo* de 2008 sobre a Palavra de Deus.

Desejamo0s que estas reflexões possam contribuir para melhorar a prática catequética e impulsionar nossas comunidades.

Invocamos sobre esse processo de Iniciação à Vida Cristã as luzes do Espírito Santo e as bênçãos maternas de Nossa Senhora Aparecida.

Dom Eugênio Rixen
Presidente da Comissão Episcopal para
Animação Bíblico-Catequética e da Equipe Redatora.

INTRODUÇÃO

1. Em fins de 1974, a CNBB publicava dois documentos: *Pastoral da Eucaristia* e *Pastoral dos Sacramentos da Iniciação Cristã* [1]. Eram os primeiros documentos da CNBB, orientados, como vemos, para os *Sacramentos da Iniciação*. A preocupação, há 35 anos estava voltada para os *sacramentos* ou à *pastoral dos sacramentos.* Além de elementos teológicos acentuavam-se sobretudo, elementos catequético-jurídico-pastorais. Entretanto, já se falava também numa perspectiva mais abrangente, do que a *preparação para receber os sacramentos.* Referindo-se à catequese, afirmava-se: “é necessário que a preocupação doutrinal ceda o primeiro lugar à autêntica *iniciação*, isto é, à introdução na vida comunitária, de fraternidade cristã e de participação na missão eclesial”. E é este, justamente, o desafio que ainda permanece.

2. Ao retornar hoje sobre a mesma *Iniciação à vida cristã*, estamos nos dedicando a um dos temas mais desafiadores da nossa ação evangelizadora. Como levar as pessoas a um contato vivo e pessoal com Jesus Cristo, como fazê-los mergulhar nas riquezas do Evangelho, como iniciá-los verdadeira e eficazmente na vida da comunidade cristã e fazê-los participar da vida divina, cuja expressão maior são os *sacramentos da iniciação*? Como realizar uma *iniciação* de tal modo que os fiéis perseverem na comunidade cristã? Como formar verdadeiros discípulos-missionários de Jesus? Entendemos nos debruçar não tanto sobre a “preparação para receber os sacramentos”, mas sim sobre o processo e a dinâmica pelas quais “tornar-se cristãos”, processos que vão além da catequese entendida como período de maior aprendizado e orientado para um sacramento. A partir do Vaticano II, mas sobretudo no final e início do milênio, a Igreja está se empenhando em restaurar o grande processo catecumenal, que tão grandes

resultados de evangelização provocou nos primeiros séculos, como processo eficaz de *iniciação à vida cristã*.

3. Nessa *iniciação*, assim amplamente concebida, não estão implicados apenas os catequistas, que certamente continuam a ter um papel importantíssimo e insubstituível. Aí está implicada toda a Igreja: pais, padrinhos, introdutores, catequistas, liturgistas, ministérios ordenados... enfim, toda a comunidade! Com isso, estamos dando continuidade e desdobramento às grandes solicitações do *Diretório Nacional de Catequese* (2006), de *Aparecida* (2007) e que muito tem a ver com a *Missão Continental* e o *Projeto Nacional de Evangelização*.

I-INICIAÇÃO À VIDA CRISTÃ... POR QUÊ?

"Tarde te amei. Beleza tão antiga e tão nova, tarde te amei! Tu estavas dentro de mim e eu te buscava fora de mim (...) Brilhaste e resplandeceste diante de mim, e expulsaste dos meus olhos a cegueira. Exalaste o teu Espírito e aspirei o teu perfume, e desejei-te. Saboreei-te, e agora tenho fome e sede de ti. Tocaste-me, e abrasei-me na tua paz". (Santo Agostinho, *Confissões X,* 27,38).

1.1 Muitos, sem saber, estão em busca dessa Beleza

Agostinho descobriu tarde a sedução da pessoa e da proposta de Jesus. Outras grandes figuras da Igreja trilharam esse caminho, como se vê na declaração, bem semelhante, de Charles de Foucauld: "Ó meu Deus, a que ponto tua mão me segurava e eu não percebia! Como és bom e me preservaste! Tu me cobrias com tuas asas quando eu nem mesmo acreditava em tua existência!"[4]. Mas talvez isso até tenha contribuído de certo modo para uma entrega mais intensa, com conhecimento de causa e com a consciência do vazio deixado por tantas outras buscas. Essa procura, a pergunta por Deus, está em todos nós. Muitos são os que andam inquietos pelo mundo, descontentes com propostas que ainda não conquistaram sua mente e seu coração; há também outros, que de certa forma perderam de vista o Transcendente, ao se deixar levar pelo imediatismo, pelo materialismo, e pelas muitas seduções de uma sociedade que valoriza outras conquistas... Mas, também estes , poderão redescobrir essa necessidade básica, bem humana, de buscar a fonte do mistério da sua própria existência.

O ser humano vive à procura de respostas sobre a vida e, no fundo, sobre si mesmo. Pode até ser iludido por turbilhões que escondem essa busca, fugas que acabam levando a caminhos

perigosos ou alienantes. Mas as perguntas continuam lá dentro de homens e mulheres que querem saber quem são, por que estão neste mundo, que sentido têm as escolhas que a vida exige de nós.

Na abertura da carta *Fides et Ratio,* João Paulo II se refere a essa necessidade, que pertence a nossa própria natureza: "A Fé e a Razão constituem como que as duas asas pelas quais o espírito humano se eleva para a contemplação da verdade. Foi Deus quem colocou no coração do homem o desejo de conhecer a verdade e, em última análise, de O conhecer, para que, conhecendo-o e amando-o, possa chegar também à verdade plena sobre si próprio." (Saudação de João Paulo II, *Fides et Ratio,* p. 5).

O *Catecismo da Igreja Católica* afirma que "o homem é capaz de Deus" logo em seu primeiro capítulo, que se inicia assim: "O desejo de Deus está inscrito no coração do homem, já que o homem é criado por Deus e para Deus; e Deus não cessa de atrair o homem a si, e somente em Deus o homem há de encontrar a verdade e a felicidade que não cessa de procurar." (n. 27).

Quem chega à idade adulta com essas indagações precisa de mais do que uma síntese doutrinal. Traz toda uma vida, cheia de experiências, perplexidades, alegrias e decepções. E aí não basta estudar o cristianismo. O adulto cheio de perguntas quer descobrir sentido na vida, nos seus relacionamentos, no mistério de Deus já percebido através da Criação, como primeiro livro da Revelação divina. Vai ser necessário um verdadeiro mergulho no mistério, com uma experiência cada vez mais profunda das diversas dimensões da vida cristã. Isso não se faz num cursinho rápido e nem mesmo numa catequese isolada de outros aspectos da vida eclesial. Não se trata de "aprender coisas", trata-se de adesão consciente a um projeto de vida.

Hoje muitos se sentem mais à vontade para declarar que não têm religião ou que consideram insuficiente a sua suposta pertença eclesial. Alguns desses estão perifericamen-te na Igreja, participam de vez em quando, se relacionam com gente católica por questões de trabalho, amizade, parentesco ou vizinhança. Outros ficam mais longe, têm até lembranças não muito boas de alguma tentativa de aproximação... mas têm perguntas e anseios que encontrariam resposta na Boa Nova vivida com consciência e alegria. Ao falar em questionamentos, muitos pensam apenas nos mais letrados, intelectuais. O povo simples também questiona, com outra linguagem e às vezes até com uma profundidade maior, com aquela sabedoria conquistada através das dores e carências experimentadas no cotidiano de uma sociedade injusta.

Jesus evangelizou os adultos e abençoou as crianças. Nós muitas vezes fazemos o contrário. As crianças, é claro, sempre serão bem-vindas e têm todo o direito de viver a experiência do amor de Deus. Mas adultos que vão descobrindo o que, sem saber, seu coração sempre buscou, precisam de um processo bem vivido de iniciação (cf. DNC, n. 180-184). Uma Igreja em estado permanente de missão tem que responder a essa necessidade.

1.2 .Uma necessidade religiosa, mas também antropológica

11. Há muitos séculos, Tertuliano já dizia que "os cristãos se fazem, não nascem"[5]. Isso vale para qualquer religião. Para "tornar-se" algo novo é preciso passar por um processo de iniciação que envolve mais do que conhecer ideias. A pessoa nova que vai emergir como seguidora de um cami-

nho se compromete com seu conhecimento, suas emoções, suas opções de vida, suas escolhas de cada momento. Diz o *Documento de Aparecida,* citando palavras do papa Bento XVI: "... não se começa a ser cristão por uma decisão ética ou uma grande ideia, mas pelo encontro com um acontecimento, com uma Pessoa, que dá novo horizonte à vida e, com isso, uma orientação decisiva." (DAp, n. 12).

12. Entrar num novo projeto de vida, religioso ou não, requer um processo de passos sucessivos de aproximação. Religiões fazem isso num processo que mescla vivência, conhecimento e celebração. A pessoa aprende, mas também se deixa envolver pelo clima do mistério e passa a agir de outro modo rio campo pessoal, comunitário e social, alegremente comprometida com um projeto de vida envolvido pelo amor de Deus. E isso é realizado por meio de ritos, símbolos e celebrações, que fazem parte da história humana em todos os tempos e lugares. Mesmo os que se dizem ateus precisam de gestos simbólicos para se expressar e assumir sua fidelidade a projetos e pessoas.

13. Para sentir-se parte de uma tradição, um povo, uma comunidade religiosa (ou até uma família) a pessoa precisa estar imersa no sentido de vida que caracteriza essa pertença. Nem sempre o processo de iniciação é identificado como tal, mas ele acontece sempre que alguém se compromete com um novo projeto de vida. A busca desse novo projeto pode nascer de uma situação difícil, de algum tipo de vazio existencial. A Iniciação Cristã tem muito a oferecer também quando alguém vive em crise e insegurança. Para isso, é preciso que a pessoa se sinta, em todo o processo, apoiada por uma comunidade acolhedora.

1.3 Foi assim no começo da Igreja

14. Jesus formou discípulos, devagar. Houve um primeiro chamado, um aprendizado e um convívio. Houve etapas na missão, envio, aprofundamento. Mas mesmo assim não estavam totalmente prontos para a tarefa de ser Igreja até que viveram a experiência do mistério pascal. Alguns textos do evangelho já nos dão, de forma sintética, um caminho. Podemos refletir assim sobre o processo do chamado:

a) tudo começa com uma busca (cf. Jo 1,38): "Que procurais?" pergunta Jesus;

b) isso gera um encontro (cf. Jo 1,38-39): "Onde moras?" dizem eles. No fundo estão perguntando: "Como te conheceremos melhor?" Jesus responde: "Vinde e vede!";

c) e produz conversão: eles vão, vêem... e decidem seguí-lo.

d) assim o processo vai produzindo comunhão:permaneceram com ele (cf. Jo 1,39), acompanham seu poder de expulsar o mal e curar (cf. Mt 10, 1)

e) que leva à missão: cada discípulo atrai outros (cf. Jo l, 40-41.45), para anunciar juntos a boa nova (cf. Mc 3,14 e cf. Jo 17,20-23) e depois fazer discípulos em todos os poros (cf. Mt 28,19);

f) a missão leva à transformação da sociedade: já nos Atos dos Apóstolos e nas comunidades vislumbradas nas cartas do Novo Testamento, vemos propostas de novos tipos de relacionamento, em que a soli-, dariedade, a comunhão e a fraternidade constróem um novo jeito de viver. Afinal, Jesus veio para transformar, trazer mais Vida para todos. A consequência social do seguimento do Evangelho deve se tornar visível para que a missão seja coerente.

15. A partir de Pentecostes a Igreja cresceu através de um processo de iniciação, com todos esses passos. Numa sociedade ainda não marcada pela cultura cristã, pessoas aderiam ao projeto do Reino tornando-se discípulas. Essa iniciação foi bem feita, sustentou mártires e possibilitou a expansão do Evangelho pelo mundo. Mesmo quando ainda não eram tantos, os cristãos eram firmes o bastante para que o império, que a princípio os perseguia, os aceitasse e mais tarde até os tornasse representantes da "religião oficial". Não se consegue isso com cristãos só de nome. Foi preciso uma sólida iniciação, para vencer tempos difíceis. Essa iniciação se dava em comunidades eclesiais que viviam com intensidade as consequências da adesão a Cristo e que, com isso, davam sólido suporte aos iniciantes. O livro de Atos dos Apóstolos nos apresenta sinais muito mobilizadores, vividos na Igreja primitiva: *"eram perseverantes em ouvir o ensinamento dos apóstolos, na comunhão fraterna, na fração do pão e nas orações."* (At 2,42). A comunhão era forte, superava diferenças sociais e oferecia um apoio mútuo:

"A multidão dos fiéis era um só coração e uma só alma". (At '4; 4,32). Paulo nos dá notícias de ajuda material entre as comunidades. Era importante que se pudesse perceber que, por causa de uma efetiva partilha, *"entre eles ninguém passava necessidade..."* (At 4,34).

16, O caminho da iniciação ficou evidente, a partir do século II, com a estruturação do catecumenato para promover a introdução dos novos convertidos na vida da Igreja. O objetivo era o aprofundamento da fé, como adesão pessoal a Jesus Cristo e a tudo que ele revela. Era o caminho ordinário para conduzir os adultos (e não as crianças) aos mistérios divinos, à profissão de fé e à participação na comunidade. Teve seu período áureo entre os séculos III a IV.

17. Quando o cristianismo começou a ser religião aceita e, posteriormente, tornada religião oficial do Império (Constan-tino e Teodosio), o catecumenato foi reduzido à *Quaresma* até desaparecer e ser substituído pelo Batismo de massa. Ser cristão começa a ser situação comum e abre-se a possibilidade do batismo ministrado preponderantemente às crianças. No século VI desaparece o catecumenato propriamente dito; catequese e liturgia se distanciam e a catequese vai se dirigindo às crianças. Era natural também que, numa sociedade nominalmente cristã, a "iniciação" fosse feita por imersão no próprio ambiente cultural. Iniciava-se o longo período do *catecumenato social* no contexto da cristandade.

1.4 Cristandade: evolução e declínio

18. A fé se espalhou, gerou grandes realizações, produziu heróicos exemplos de santidade. Durante muito tempo, em países de cultura cristã, o processo de iniciação explícita *foi ficando menos ativo. Afinal, todo mundo era batizado e religião era atitude que se aprendia vivendo em família e na própria sociedade.*

19. Essa religião culturalmente disseminada foi campo fértil para devocionismos variados, que na verdade não formavam propriamente discípulos missionários de Jesus Cristo, mas apesar disso mantiveram a fé do povo. Especificamente na colonização de nosso país, apesar de todo esforço de adaptação dos missionários, houve e há mais sacramentalização, *incluindo aí práticas como a chamada "desobriga", do que uma consistente* iniciação. *As pessoas eram batizadas, faziam primeira comunhão, casavam na Igreja... mas gradativamente muitos foram deixando de perceber o que esse compromisso de fato significava. Junto a isso temos um processo histórico que favoreceu a descrença, com a influência do iluminismo agnóstico e ateu, com conflitos mal resolvidos entre ciência e fé, principalmente entre intelectuais e classes dirigentes. A sociedade foi se tornando independente da influência da Igreja e a religião passou a ser vista como assunto privado, pessoal.*

20. *Recentemente, as estatísticas mostram um declínio percentual no número de católicos. O que isso significa? Perdemos católicos ou simplesmente muitos que nunca o foram assumiram de fato tal situação? Talvez o público aparentemente garantido de outros tempos tenha contribuído para uma certa acomodação. E disso que fala o* Documento de Aparecida, *citando o cardeal Ratzinger:* "Nossa maior ameaça é o medíocre pragmatismo da vida cotidiana da Igreja, no qual, aparentemente, tudo procede com normalidade, ' mas na verdade a fé vai se desgastando e degenerando em mesquinhez". *(DAp, n. 12).*

21. *O projeto de Jesus não tem nada de pequeno ou mesquinho; pelo contrário, somos chamados a um trabalho exigente e emocionante. Num mundo ferido por violência, escravizado ao consumismo irresponsável, numa sociedade construída sobre a injustiça, Jesus nos impulsiona a viver a fraternidade, a defender os fracos, a construir* a paz valorizando a *honestidade e a dignidade humana,* sabendo perdoar e partilhar.

22. Mas, em vez de apenas censurar os tempos modernos, com seu individualismo e seu relativismo, estamos começando a ver a "mudança de época" como oportunidade para promover mais qualidade *e entusiasmo na missão. O* Projeto Nacional de Evangelização, *em sua introdução, fala em* "aproveitar intensamente esta hora de graça". *Vê as dificuldades como provocações a um santo e criativo crescimento e diz:* "O mesmo Espirito despertará em nós a criatividade para encontrar formas diversas para nos aproximarmos inclusive dos ambientes mais difíceis, desenvolvendo, no ministério, a capacidade de nos convertermos em pescadores de homens"[6]. *Nesse contexto, um processo consistente de iniciação cristã é indispensável ao tipo de missão que os sinais dos tempos estão pedindo à Igreja.*

1.5 Tudo isso é um apelo para uma Igreja melhor

23. *O apóstolo Paulo, contemplando as perseguições e dificuldades que deveria encontrar, dizia: "quando sou fraco, então sou forte" (2Cor 12,10). Isso é verdade, em múltiplas situações. Facilidades geram mais acomodação do que crescimento. Igreja acomodada se torna medíocre, morna, sem gosto.* Ficamos espantados quando ouvimos alguém que passou anos na Igreja de repente dizer, geralmente a partir da participação em algum movimento (mas às vezes até mudando de Igreja): "Encontrei Jesus!" E nos perguntamos: "Como pode ser isso? Jesus estava aqui o tempo todo, na Palavra, na Eucaristia, na Missão...". Mas fica meio evidente que, mesmo que não tenha faltado a presença de Jesus, algo importante ficou ausente. Quem não encontrou Jesus de fato *não foi iniciado nu fé,* mesmo que tenha estado junto de nós por muitos anos. Encontrar Jesus é colocar-se também em linha direta com a experiência dos primeiros cristãos. No livro de Atos, vemos que, nas primeiras comunidades, a Igreja vai se formando a partir de uma missão recebida do próprio Jesus e retransmitida pêlos que se tornaram seus seguidores. O Espírito Santo confirma, sustenta e expande a missão - e isso é vivenciado com fortes sinais em Pentecostes. Dificuldades e perseguições, em vez de gerar desânimo, produzem mais ardor missionário. As comunidades se sentem portadoras de uma missão transformadora, vivem com entusiasmo a experiência do chamado.

24. Se vamos criar estruturas pastorais que possibilitem um real processo de iniciação, tanto para *não batizados* como para *batizados insuficientemente catequizados,* teremos que ter uma Igreja muito consciente da necessidade permanente de um testemunho qualificado. Os que vão acompanhar os que se iniciam, sem exceção, terão que crescer também. O texto sobre *Missão Continental* chega a dizer: *"Nesta vivência, a renovação da conversão pastoral dos pastores e de todos os consagrados é elemento indispensável para que o testemunho coerente de vida se torne cimento pedagógico"*[7].

25. O mesmo texto destaca a importância do compromisso qualificado dos leigos: *"Qualquer esforço missionário exige, de maneira particular, a participação ativa e comprometida dos fiéis leigos em todas as etapas do processo (...) Eles hão de ser parte ativa e criativa na elaboração e execução de projetos pastorais em favor da comunidade (...) é necessário que o leigo seja levado em consideração com um espirito de comunhão e participação"**. Em outras palavras, todos têm algo importante a ganhar quando uma dificuldade se transforma em emocionante desafio para a promoção de um ideal tão precioso.

1.6 A comunidade inteira vai ser sinal de algo muito bom

26. Jesus respondeu aos que o buscavam: "Vinde e vede!". Ele, evidentemente, passou nesse teste que ele mesmo propôs. Eles foram, viram, se encantaram com o que vivenciaram, ficaram, aprenderam, depois partiram em missão com a vida transformada para sempre. A iniciação à vida cristã supõe uma comunidade que passe no L teste do "Vinde e vede". Iniciação não é só aprendizado t; de doutrina. É inserção na totalidade da experiência de ;... fé dentro de uma comunidade em que se identifica a pre-i sença ativa do fermento do evangelho e a força transformadora do amor de Jesus.

27. Estamos tratando de "vida cristã". Então, aquele que se inicia nesse processo vai ter que perceber em profundidade o que significa, nos vários campos de nossa ação, ser discípulo de Jesus e ser Igreja hoje. Não é iniciação à espiritualidade deste ou daquele instituto religioso ou movimento apenas, embora eles sejam úteis e cada um possa aderir ao grupo com que sente mais afinidade. É iniciação ao conjunto orgânico do mistério cristão e da missão ecle-sial. Teremos evidentemente grande ênfase nos aspectos catequéticos e litúrgicos. Mas ser cristão exige o compromisso com a missão em geral, com a transformação da sociedade, com a leitura orante da Bíblia, com o diálogo ecuménico e inter religioso, com a promoção das diferen-••'•'- tes vocações que, em seu conjunto, permitem uma ação " mais ampla na proclamação e vivência do evangelho. Tudo isso precisa ser vivido em comunidade, com diversidade de pastorais, de maneira a apresentar a Igreja em ação, nas diferentes dimensões da vivência evangelizadora. Isso tem sido feito, por exemplo, nas Comunidades Eclesiais de Base, que são espaço de convivência, compromisso e educação da fé e desenvolvem um jeito de ser Igreja que é uma verdadeira iniciação cristã. O Documento de Aparecida lembra que elas *"tem sido escolas que têm ajudado a formar cristãos comprometidos com sua fé e issionários do Senhor...* "(DAp, n. 178).

28. Para que tudo isso possa ser experimentado no processo de iniciação, a comunidade precisará de planejamento participativo num sólido espírito de pastoral orgânica. Diz o *Documento de Aparecida: "Uma comunidade que assume a iniciação cristã renova sua vida comunitária e desperta seu caráter missionário. Isso requer novas atitudes pastorais por*

parte dos bispos, presbíteros, pessoas consagradas e agentes de pastoral" (DAp, n. 291).

29. Esa renovação fica estimulada pela permanente necessidade de oferecer uma boa imagem de Igreja a quem se inicia. Cuidando bem dos que chegam, a comunidade acaba cuidando melhor de si mesma, como pais que se esforçam para ser melhores porque seus filhos precisam de seu exemplo. Por isso o *Documento de Aparecida* insiste na necessidade de conversão: *"A conversão pastoral requer* [1] *que as comunidades eclesiais sejam comunidades de discípulos ; missionários ao redor de Jesus Cristo, Mestre e Pastor. Daí nasce a atitude de abertura, diálogo t disponibilidade para promover a co-responsabilidade e participação efetiva de todos os fiéis na ida das comunidades cristãs. Hoje, mais do que nunca, o testemunho de comunhão eclesial e de santidade são uma urgência '" pastoral"* (DAp, n. 368).

30. Com esse estímulo, a comunidade torna-se bem mais animada para fazer o que lhe está sendo insistentemente pedido: *"Nenhuma comunidade deve isentar-se de entrar decididamente, com todas as forças, nos processos constantes de renovação missionária e de abandonar as ultrapassadas estruturas que não favoreçam a transmissão da fé"* (DAp, n. 365).

31. Especialmente, uma comunidade comprometida com um processo de iniciação é aquela Igreja onde quem chega se sente em casa, acolhido num ambiente de fraterna cooperação, estimulado a servir com alegria e com a esperança de poder fazer diferença em meio aos sofrimentos e injustiças deste nosso mundo. É um estímulo a mais para viver uma das grandes afirmações de *Christifideles Laici,* retomada em Aparecida: *"A comunhão é missionária e a missão é para a comunhão"* (ChL, n. 32; cf. DAp, n. 163).

1.7 Crescimento e alegria ao fazer o que Deus nos pede

32. A iniciação cristã é uma exigência da missão da Igreja nos dias de hoje: formar cristãos firmes e conscientes, nos novos tempos em que a opção religiosa é uma *escolha* e não simplesmente *tradição e imersão cultural. É* um dever que temos como servidores do Evangelho. E, ao cumprir esse dever, estaremos entre os primeiros beneficiados com as consequências de um processo que fará crescer na fé tanto os evangelizados como os evangelizadores e a comunidade inteira.

33. Estaríamos, então, dando atenção a um grande objetivo específico da *Missão Continental: "promover a profunda conversão pessoal e pastoral de todos os agentes de pastoral e evangelizadores, para que, com atitudes de discípulos, todos possam recomeçar desde Cristo uma vida nova no espírito, inserida na comunidade eclesial"*[9]*. É* uma proposta emocionante, com benefícios para todos: iniciantes, iniciadores, a comunidade eclesial e a sociedade.

34. Motivados para esse novo desafio, vamos refletir um pouco mais sobre *o que é áe fato a iniciação cristã,* o processo a ser desenvolvido, os interlocutores que teremos nessa caminhada, os agentes que devem se envolver nessa tarefa e as situações em que somos chamados a atuar.

Poro *refletir*

1- Aí na sua realidade, quais costumam ser os motivos que as pessoas têm para se aproximar ou se afastar da Igreja?

2- Como seria, para você, uma comunidade eclesial atraente, de testemunho convincente?

3- Você conhece pessoas batizadas que não se sentem Igreja? Por que será que isso acontece?

II- O QUE TEMOS EM VISTA QUANDO FALAMOS EM INICIAÇÃO À VIDA CRISTÃ

2.1 Jesus Cristo, mistério de Deus

35. Diante da sede de infinito, presente em todo coração humano, Deus nos dá uma resposta em Cristo Jesus. Como Pedro, confessamos a nossa perplexidade e a nossa confiança nessa resposta de Deus: "A quem iremos, Senhor? Tu tens palavras de vida eterna" (Jo 6, 68). Consciente disso, a Igreja proclama "que a chave, o centro e o fim de toda história humana se encontra em seu Senhor e Mes-|, tre" (GS, n. 10,2).

36. Com Jesus se faz presente o Reino de Deus, o Mistério ' revelado entre nós. Nos evangelhos Jesus está a serviço do *Reino de Deus* que, para ele, é a realidade última. Ele é o mediador absoluto e definitivo do Reino. E para compreender o que o Novo Testamento quer dizer, anunciar e propor ao falar do *Reino de Deus é* preciso mergulhar no Jesus histórico e em sua prática. Por sua vida, suas palavras e ações, por sua doação total na cruz e gloriosa ressurreição ele revela ao mundo o amor e o projeto de salvação do Pai que *nos ama a todos.* Nisso se baseia a Igreja, corpo de Cristo, portadora da sua mensagem, lugar de participação na vida nova que Jesus nos veio trazer. Aí se encontra o centro do anúncio, *dn proposta* transformadora do Evangelho.

2.2 O mistério está no centro da fé

37. Jesus, ao falar do Reino, chama-o de *mistério:* "A vós é confiado o mistério do Reino de Deus" (Mc 4,11; cf. Mt 13,11; cf. Lc 8,10). Ser cristão é participar desse mistério e se comprometer com ele. Requer uma mudança de vida, é fruto de experiência, não apenas de conhecimento. O conceito de *mistério* aparece pouco no Antigo Testamento, mas é muito usado por Paulo. Era algo bem presente nas religiões pagãs. No cristianismo adquire um sentido totalmente novo: é a presença do Reino de Deus presente com Jesus.

38. A mensagem final do Sínodo dos Bispos de 2008 fala na *voz* da Palavra, (a Revelação, que ultrapassa a Bíblia), no *rosto* da Palavra (Jesus Cristo, Verbo que se fez um de nós), na *casa* da Palavra (a Igreja, como povo de Deus) e nos *caminhos* da Palavra (a Missão, que leva a experiência a outros). Todos esses aspectos da Palavra são mergulhos no mistério de Deus e da vida.

39. O termo *mystérion* é fundamental no Novo Testamento[10]. Foi usado para manifestar o desígnio divino de salvação que para Paulo se concentra na pessoa de Jesus, sua vida, "••'• morte e ressurreição. Paulo contrapõe a "sabedoria humana" à "sabedoria misteriosa" de Deus (ICor 2,7) e diz que sua missão é fazer conhecer a gloriosa riqueza deste mistério em meio aos gentios, ou seja, "o Cristo no meio de vós, esperança da glória" (Cl 1,27) e também iniciar os cristãos "no pleno entendimento e no conhecimento do mistério de Deus, que é Cristo, no qual estão escondidos todos os tesouros da sabedoria e do conhecimento" (Cl 2,2-3; cf. Ef 1,9-10; 6,19).

2.3 Iniciação: mergulho pessoal no mistério

40. A mensagem cristã apresentada como *mistério* leva naturalmente à realidade da iniciação. No nosso imaginário o *mistério* carrega em si algo de fascinante, sublime, surpreendente, deslumbrante, inacessível ao simples mortal; enfim, algo de divino, de fantástico e espantoso. O *mistério é* um *segredo* que se manifesta somente aos iniciados. Diferentemente de outros conhecimentos ou práticas, não se tem acesso ao *mistério* através de um ensino teórico, ou com a aquisição de certas habilidades. Para ter acesso aos *divinos mistérios* a pessoa precisa, de uma maneira ou

de outra, *ser iniciada* a essas realidades maravilhosas através de experiências que a marcam profundamente.

41. Os discípulos de Jesus, no anúncio do Evangelho, lançaram mão dessa realidade tão humana e arraigada nas culturas, de tal modo que o cristianismo foi até confundido com uma das tantas *religiões iniciáticas* que pululavam no Oriente Médio. Mas era algo muito mais profundo: para participar do *mistério de Cristo Jesus* é preciso passar por uma experiência impactante de transformação pessoal e deixar-se envolver pela ação do Espírito. O processo de transmissão da fé tornou-se, sim, iniciático em sua metodologia. A profissão e vivência da fé cristã, não são algo natural. A "alma naturalmente cristã" *(anima naturaliter cristiana),* de que fala Tertuliano, se refere mais às generalidades da religiosidade cristã, e não tanto ao específico seguimento de Jesus e à prática de seu Evangelho. Descobrir o *mistério* da pessoa de Jesus e os *mistérios do Reino,* assumir os compromissos de seu caminho, viver a ascese requerida pela moral cristã... são realidades muito exigentes. Enfim, a verdadeira dimensão ou metanóia (mudança **de** mentalidade) supõe uma certa maturidade humana e **toca** as mais profundas tendências humanas.

42 Existe, porém, uma tensão entre o aspecto de *segredo,* ligado à ideia de mistério, e a necessidade de anúncio, de proclamação da mensagem que nos **foi** comunicada através do que nos foi revelado em Jesus. A missão visa proclamar e fazer experimentar o mistério, não escondê-lo. Mas ao mesmo tempo não podemos banalizar o acesso ao sagrado como se estivéssemos distribuindo algo sem consequências mais sérias. O *querigma* (primeiro anúncio, pregação missionária) é para todos; mas os *mistérios* (sacramentos) são para aqueles que foram iniciados na fé.

2.4 Catecumenato: um caminho antigo e eficiente

43. Desde o século II, a iniciação cristã se fazia através do ca-tecumenato. Foi uma feliz criação da Igreja, num tempo em que ela não podia contar com o apoio de uma cultura cristã na sociedade e ainda havia muito clima de segredo na prática cristã. O núcleo do próprio desenvolvimento do ano litúrgico foi gerado nesse processo. O *catecúmeno,* que corresponderia ao nosso *catequizando* de hoje, era visto como "aquele que deve ser iniciado na fé".

44. O vocabulário da iniciação cristã foi elaborado pêlos Santos Padres: refere-se às etapas consideradas indispensáveis para mergulhar (batismo significa mergulho) no mistério de Cristo e começar a fazer parte da comunidade eclesial em espírito e verdade. O valor desse *mistério* de Cristo e da Igreja era experimentado e depois explicado numa vivência marcada pelo rito através de uma catequese chamada "mistagógica" (que inicia ao mistério).

Essa catequese fazia a pessoa recém batizada perceber o significado, valor e alcance dos ritos realizados. O rito, ao envolver a pessoa por inteiro, marca mais profundamente do que uma simples instrução e interioriza o que foi aprendido e proclamado, realçando a dimensão de compromisso

2.5 A iniciação como dado antropológico

45. Ao longo do tempo, fomos perdendo a ligação com o real processo de iniciação. As culturas modernas não têm a mesma consciência da necessidade antropológica dos processos de iniciação que havia no passado e que há ainda em culturas tribais.

46. Etimologicamente "iniciação" provém do latim "in-ire", ou seja, ir bem para dentro. No *Dicionário Aurélio,* sua definição é assim: "Processo ou série de processos de natureza ritual, que efetivam e marcam a promoção de indivíduos a novas posições sociais (como, por exemplo, sua passagem às diferentes fases do ciclo de vida e, em particular, sua incorporação à comunidade dos adultos) ou o acesso a determinadas funções religiosas ou políticas", ou ainda: "preparação pela qual se inicia

alguém nos mistérios de alguma religião ou doutrina e a cerimónia dela decorrente". Em outras palavras, é um tempo de aproximação e imersão em novo jeito de ser; sinaliza uma mudança de vida, de comportamento, com a inserção num novo grupo.

47. Jovens de hoje conhecem alguns processos de iniciação quando começam a fazer parte de um grupo ou quando entram para uma universidade. Festas de formatura *e* de quinze anos são ritos de passagem. O casamento também: mesmo quem não tem religião sente uma certa necessidade de ritualizar essa mudança de vida. Comunidades afro-indígenas e de outros continentes estão familiarizadas com ritos de passagem. Sociedades secretas também usam verdadeiros processos de iniciação. São maneiras variadas de assumir uma transformação, uma virada existencial que transforma o neófito de certa forma em uma outra pessoa. O ritual (embora às vezes diluído em formas mais modernas) marca essa nova consciência, divide a vida en-f .:>; tre o "antes" e o "depois" do compromisso assumido ou i da inserção no novo grupo.

48 Um grande especialista na área da iniciação a define como "um conjunto de ritos e ensinamentos orais, visando realizar uma transformação do estatuto religioso e social do iniciado. Do ponto de vista filosófico, a iniciação equivale a uma mutação ontológica existencial. Ao final do período de provas, o neófito goza de uma existência totalmente diferente da que possuía antes: transforma-se noutra pessoa"[11].

49. Numa cultura moderna quase que pós-cristã (cf. CT, n. 57; DGC, n. HOd) a Igreja se vê diante da necessidade de uma real iniciação, para formar cristãos que realmente assumam o projeto do Reino. O Estudos da CNBB *"Com Adultos Catequese Adulta"* afirma: "para entender melhor a tarefa da catequese é importante aprofundar o *conceito , de iniciação.* Nossa sociedade moderna e pós-moderna perdeu, quase por completo, o elemento cultural da *iniciação,* tão radicado em outras culturas." Diz ainda: "Aquilo que os ritos de iniciação representam para a vida sócio cultural de um grupo, a catequese deveria representar para a vida cristã"[12]: é um processo profundo que integra a pessoa num outro estilo de rida.

50. Daí a necessidade de formas de catequese que estejam verdadeiramente a serviço da iniciação cristã, na complexidade de suas exigências, como bem afirmam o DGC (n. 63-68) e o DNC (n 35 e todo o subtítulo 4.1). Sente-se hoje uma necessidade urgente de revisão profunda da nossa prática eclesial, para restabelecer, na sua função primordial, a *iniciação cristã.*

51. O *Documento de Aparecida* é enfático ao falar da necessidade urgente de *assumir o -processo iniciático* na evangelização: "Ou educamos na fé, colocando as pessoas realmente em contato com Jesus Cristo e convidando-as para seu seguimento, ou não cumpriremos nossa missão evangelizadora. Impõe-se a tarefa irrenunciável de *oferecer uma modalidade de iniciação cristã,* que além de marcar o quê, também dê elementos para o quem, o como e o onde se realiza" (n. 287; cf. n. 286-294).

2.7 A importância e o lugar dos sacramentos

52. Ao traduzir o termo *mistério* do grego para o latim usou-se a palavra *sacramento* que na Bíblia e no início do cristianismo, tinha um sentido bem amplo: eram as ações salvadoras de Deus. Nesse sentido, tudo que a Igreja realiza é mistério! O teólogo beneditino Odo Casei definiu o *mistério* como "uma ação sagrada na qual o fato salvífico se faz presente no rito. A comunidade, ao celebrar o rito toma parte na ação salvadora e recebe para si a graça divina"[11]. O Vaticano II incorporou esse conceito: fala do *mistério pascal* (SC), *mistério da Igreja* (LG), *mistério da salvação* (AG), plano de Deus, *mistério,* sacramento (PO).

53. Resumindo as perspectivas do Vaticano II, os estudiosos afirmam que no *mistério* (nos sacramentos), a liturgia torna presente para cada crente e para todos os crentes, de qualquer época, a plena realidade da obra da salvação realizada uma vez por todas em Cristo Jesus[14].

54. Importantes na concepção de *mistério* são os sinais e símbolos, inspirados na experiência humana e na realidade cósmica. Ao mesmo tempo em que revelam, escondem a realidade divina que querem comunicar. Lemos no *Catecismo da Igreja Católica: "A* liturgia da Igreja pressupõe, integra e santifica elementos da criação e da cultura humana conferindo-lhes a dignidade de *sinais* da graça, da nova criação em Jesus Cristo" (n. 1149). Diante disso, uma parte essencial da iniciação cristã, coroamento do processo inici-ático, é justamente a catequese mistagógica.

2.8 Mas identificamos um problema nesse processo

55. É muito comum criticar um certo tipo de catequese, considerada *sacramentalista.* Com isso se quer falar do costume de fazer do sacramento uma espécie de "festa de formatura", fim do caminho, despedida da Igreja. O sacramento vira uma espécie de costume, uma devoção a mais, sem consideração do conjunto do compromisso de fé que ele sinaliza e exige.

56. E aí temos um desafio. Piecisamcs afirmar que todo verdadeiro processo catequético desemboca na celebração dos sacramentos, como momento culminante da participação no mistério de Cristo. O Vaticano n afirma que a liturgia é cume e fonte da vida cristã (cf. SC, n. 10). O sacramento é a consequência de urna fé assumida, mas é também realimentação contínua dessa mesma fé. Celebramos porque cremos e assumimos (é o cume, sinal máximo de vivência e compromisso), mas, ao celebrar fortalecemos essa crença e esse compromisso, nos alimentamos na fonte, o que nos leva a celebrar de novo, num processo que se auto-sustenta.

57. Portanto, a catequese deve levar aã sacramento. Não tem sentido fazer de outro jeito. Mas só um bom processo de iniciação pode dar ao sacramento o lugar que lhe cabe, que não faça dele um ponto de chegada sem prosseguimento de caminho.

2.9 Uma iniciação que leve a uma real participação

58. Hoje vivemos na cultura em geral uma grande demanda de transcendência, de uma certa religiosidade difusa, que busca contato meio às cegas com o sagrado no torvelinho das angústias da vida. É claro que temos que considerar esse dado, mas a iniciação cristã não é uma estratégia que busca se aproveitar das exigências desse tipo de "mercado religioso".

59. A restauração do *catecumenato,* solicitada pela Igreja (cf. CD, n. 14, SC, n. 64-68 e AG, n. 14), com a devida inculturação, quer retomar a dimensão mística, celebrativa, da catequese, considerando que um dos aspectos essenciais da educação da fé é levar as pessoas a uma autêntica experiência cristã, na integridade de suas várias dimensões.

60. Não é mera ampliação do número de fiéis. E um processo de compromisso, adesão, transformação. Um documento do episcopado espanhol define assim a iniciação cristã: "a incorporação do candidato, mediante os três sacramentos da iniciação, no mistério de Cristo, morto e ressuscitado, *e* na comunidade da *Igreja,* sacramento de salvação, de tal modo que o iniciado, profundamente transformado e introduzido na nova condição de vida, morre ao pecado e começa uma nova existência de plena realização. Essa inserção e transformação radical, realizada dentro do âmbito de fé da comunidade eclesial, onde o cristão vive e dá sua resposta de fé, exige, por isso mesmo, um processo gradual ou um itinerário catequético que o ajude a amadurecer na fé"[15].

61. E o Estudos da CNBB *"Com adultos, catequese adulta"* descreve assim a iniciação cristã: *"é* processo de preparação, compreensão vital e de acolhimento dos grandes segredos (mistérios) da vida nova revelada em Jesus Cristo. O cristão convertido vai, então, aprofundando a acolhida do 'amor do Pai, do Filho e do Espírito Santo e se colocando na

dinâmica do amor serviçal aos irmãos. Nesse itinerário ele vai experimentando a fé nos gestos salvíficos, nas palavras de Jesus Cristo, vividos e comunicados pela Igreja através do testemunho de vida, da Palavra, dos Sacramentos e se abrindo à esperança que não engana (escatologia). Essa era a função maior da catequese no início do cristianismo, no processo conhecido como *catecumenato..."* [16].

2.10 Natureza da iniciação cristã

62. Podemos descrever a natureza da iniciação cristã com algumas características. Elas, além de aprofundar seu sentido, mostram a diferença e o distanciamento com relação aos *ritos mistéricos pagãos.*

63. A DV afirma que Deus, em sua sabedoria e imensa bondade, quis revelar-se a Si Mesmo e manifestar o *mistério* de sua vontade: por Cristo, a Palavra feito carne e no Espírito Santo, todos podemos chegar ao Pai e participar de sua na-
' tureza divina (cf. DV, n. 2). Aí encontramos o *objetivo final* da iniciação cristã, seu conteúdo *e* sobretudo sua origem: ela é obra do amor de Deus. A iniciação cristã é *graça benevolente e transformadora,* que nos precede e nos cumula com os dons divinos em Cristo. Ela se desenvolve dentro do dinamismo trinitário: os três sacramentos, numa unidade indissolúvel, expressam a unidade da obra trinitária na iniciação cristã: o Batismo nos torna filhos do *Pai,* a Eucaristia nos alimenta com o Corpo de *Cristo* e a Confirmação nos unge com unção do *Espírito.*

64. Esta obra do amor de Deus se realiza *na Igreja e pela mediação da Igreja.* Como corpo de Cristo, sinal e germe do Reino, é a Igreja que anuncia a boa nova, acolhe e acompanha os que querem realizar um caminho de fé, coloca os fundamentos da vida cristã e principalmente incorpora a Cristo os que estão sendo iniciados pêlos sacramentos da iniciação. E importante compreender bem essa *dimensão eclesial.* As pessoas são iniciadas no mistério de Cristo e na vida da Igreja, não na devoção particular de qualquer pessoa ou de um grupo. A ação dos catequistas junto aos ca-tecúmenos, mesmo que se enriqueça com os dons pessoais de cada um, é palavra e ação em nome da Igreja. É através deles, e da comunidade que testemunha e apoia, que a Igreja exerce sua missão maternal de gerar novos filhos.

65. Este *dom* de Deus realizado na e pela *Igreja* tem um *terceiro* elemento: requer a *decisão livre da pessoa.* Pela obediência da fé a pessoa se entrega inteira e livremente a Deus e lhe oferece a homenagem total de sua inteligência e vontade (cf. DV, n. 5). No processo ou itinerário de iniciação a pessoa é envolvida inteiramente em todas as esferas e dimensões do ser. O fracasso ou falta de perseverança no caminho da fé se deve, muitas vezes, à falta deste envolvimento total dos iniciandos. Se isso é verdade para crianças e jovens, muito mais o é para os adultos.

66. Por fim, a iniciação cristã é a participação humana no diálogo da salvação. Somos chamados a ter uma relação filial com Deus. Com a iniciação cristã o catecúmeno começa a caminhada para Deus que irrompe em sua vida e cami-* nhã com ele. Essa vida nova, essa participação na natureza divina constitui o núcleo e coração da iniciação cristã. O iniciado, transformado e introduzido na nova condição de vida, morre ao pecado e começa uma nova existência.

67. O estudo *"Com adultos, catequese adulta",* fala da iniciação cristã a partir do conjunto da missão da Igreja, propondo uma iniciação bem abrangente, que contemple as várias dimensões da vida cristã: "conceber a catequese como *iniciação à vida cristã* implica assumi-la como um longo processo vital de introdução dos cristãos ainda não iniciados, seja qual for a sua idade, nos diversos aspectos essenciais da vida cristã. É óbvio que não se trata de *tudo, o* que *é* impossível, mas de um *todo* elementar e coerente, como base sólida para a caminhada rumo à maturidade em Cristo"[17].

68. É bom perceber que isso nos lernete a um equilíbrio. A iniciação não vai ser uma catequese completa; mesmo uma vida inteira não basta para conhecer e experimentar *tudo* que pode enriquecer a fé. Mas ela deve apresentar um

panorama sem deformações que aconteceriam se faltasse alguma dimensão importante da vida da Igreja.

Para refletír

1- Qual o significado da palavra "mistério" no Novo Testamento? Com relação, ao "mistério" ao qual se pretende iniciar, qual é a diferença do cristianismo e as demais religiões mistéricas?

2- Com relação à nossa tradicional catequese (preparação para os sacramentos conduzida por um/uma catequista com seu grupo...) qual *é* a novidade processo catecumenal ou de uma catequese com inspiração catecumenal?

3- Como se pode descrever a "natureza teológica" do processo da Iniciação à Vida Cristã?

4- Que diferenças e contatos se podem estabelecer entre "catequese de Iniciação" e o "processo de formação permanente"?

I I I - I N I C I A Ç Ã O À V I D A C R I S T Ã . . . C O M O ?

"Eis o Cordeiro de Deus Ouvindo essas palavras, os dois discípulos de João seguiram a Jesus. (Cf. Jo 1,36-37)

"Depois que se sentou à mesa com eles, tomou o pão pronunciou a bênção, partiu-o e deu-os a eles. Neste momento, seus olhos se abriram e eles o reconheceram." (Lc 24,30-31)

3.1 Um encontro que transforma a vida

69. *Palavra, Comunidade, Celebração* foram importantes para que os primeiros discípulos reconhecessem Jesus como centro de sua vida. São fundamentais para os cristãos de hoje também. A vida dos primeiros discípulos mudou a partir do encontro com Jesus de Nazaré e seu mistério. Eles o seguiram nos caminhos da Palavra e dos sinais do Reino. Recriados pela fé na vitória da ressurreição e animados pelo dom do Espírito, tornaram-se para sempre participantes da sua vida, membros do seu corpo, celebrantes do seu mistério, testemunhas do seu Reino. Atentos à grandeza da missão, passaram a fazer discípulos em todos os povos.

3.2 Um caminho que a Igreja quer fortalecer

70. Nossas Igrejas particulares, em todo o Brasil, ao longo de mais de quinhentos anos, de muitas formas têm convidado e conduzido ao caminho de Jesus. Sabem que o itinerário da iniciação cristã inclui sempre "o anúncio da Palavra, o acolhimento do evangelho, que implica a conversão, a profissão de fé, o Batismo, a efusão do Espírito Santo, o acesso à comunhão eucarística." (CIC, n. 1229).

Contudo, nossas dioceses têm consciência de que muitos dos itinerários oferecidos aos não batizados são fragmentados. Sabem também que, entre os batizados de várias idades, mesmo entre os que participam da comunidade e dos movimentos, há carência de itinerários de introdução e amadurecimento na fé.

3.3 Um processo que pode inspirar outras ações

71. Uma herança eclesial e protótipo de caminho que conduz à vida cristã, como dito acima, é o *catecumenato batismal:* [!] ele é uma "escola preparatória à vida cristã", "um processo formativo e verdadeira escola de fé" (DGC, n. 130, e DGC, n. 91). Esse processo foi restaurado em suas fontes e, a pedido do Concílio Vaticano II, codificado no *Ritual de Iniciação Cristã de Adultos.* Nas últimas décadas, a situação pastoral tem feito a Igreja perceber que há também uma necessidade de catecumenato pós-batismal (CIC, n. 1231), que seria de muito valor para a iniciação integral de jovens e adultos batizados, mas não suficientemente envolvidos no compromisso cristão.

72. O modelo de catecumenato apresentado pelo RICA possibilita a elaboração de itinerários diversos, de acordo com as necessidades de cada realidade. Não é o que se costuma chamar de roteiro ou manual catequético, mas, através do processo proposto *e* do conteúdo das celebrações, indica um caminho. É importante, mesmo com as adaptações necessárias diante de cada realidade, conservar o que é essencial e específico nesse processo. Uma primeira característica essencial é o seu caráter *cristocêntrico* e *gradual.* O catecumenato está a serviço de quem decidiu seguir Cristo e trilha a conversão (cf. DGC; n. 89). É organizado em *quatro tempos* e em *três grandes celebrações* ou *etapas,* das quais participam membros da comunidade, parentes e amigos. "A fé, impulsionada pela graça divina e cultivada pela ação da Igreja, experimenta um processo de amadurecimento" (DGC, n. 88). No decorrer do processo, introdutores, catequistas e presbíteros, refletindo junto com os iniciandos, examinam as condições que cada um tem de vivenciar a etapa que marca a passagem para o tempo seguinte.

73. Outras características do modelo catecurnenal devem ser garantidas (cf. DGC. n. 91 e DNC, n. 49). O catecumenato visa a iniciação, uma função vital da Igreja. Sua responsabilidade é de toda a comunidade cristã. Todo ele é impregnado pelo mistério da Páscoa de Cristo. E também lugar privilegiado de inculturação, onde são acolhidas na Igreja as "sementes da Palavra" presentes nas pessoas e nas culturas. Além disso, o catecumenato, que garante uma formação intensa e integral, está vinculado a ritos, símbolos e sinais e está em função da comunidade cristã.

3.5 Desenvolvimento do processo catecurnenal

74. A iniciação catecurnenal, de acordo com o RICA, se faz em 4 *tempos* e 3 *etapas.* A palavra "etapa" aqui tem um significado um pouco diferente do que aparece na linguagem comum. As *etapas* são entendidas como "portas" (algo que se abre, possibilitando avanço na caminhada), momentos fortes marcados por uma celebração específica que assinala a situação do iniciando dentro do processo, na passagem para o tempo seguinte. Como se vê no quadro abaixo, por exemplo, embora a celebração dos sacramentos seja um sinal forte na caminhada, ela não é o fim do processo, é a "porta" que se abre para a catequese mistagógica, que vai aprofundar a educação para a vivência do mistério:

Quadro Geral da INICIAÇÃO CRISTÃ
(catecumenato pré-batismal) conforme o RICA.

Os ***tempos*** são os períodos bem determinados. As ***etapas*** são as grandes celebrações de *passagem* de um para outro tempo.

1° TEMPO Pré-Catecumenato ou Primeiro Anúncio (*querigma*)	**1ª. ETAPA - Rito de Admissão dos Candidatos ao Catecumenato (entrada) - Pároco**	**2° TEMPO** Catecumenato (*tempo mais longo de todos*)	**2ª. ETAPA - Preparação para os Sacramentos (eleição) - Pároco**	**3° TEMPO** Purificação e Iluminação (*quaresma*)	**3ª. ETAPA - Celebração dos sacramentos de Iniciação (Vigília Pascal) - Pároco**	**4° TEMPO** Mistagogia (*tempo pascal*)
Tempo de acolhimento na comunidade cristã: - *PRIMEIRA EVANGELIZAÇÃO.* - *Inscrição e colóquio com o catequista.* - RITOS → catequistas + equipes litúrgicas.		Tempo suficientemente longo para: - *CATEQUESE, REFLEXÃO, APROFUNDAMENTO.* - *Vivência cristã, conversão.* - *Entrosamento com a Igreja.* - RITOS → catequistas + equipes litúrgicas.		Preparação próxima para Sacramentos: - Escrutínios, - Entrega do *Símbolo* e da *Oração do Senhor* - *CATEQUESE.* - *Práticas quaresmais (CF, etc.).* - RITOS → catequistas + equipes litúrgicas.		- Aprofundamento e maior mergulho no mistério cristão, no mistério pascal, na vida nova. - Vivência na comunidade cristã.

3.5.1 Cada progresso é marcado por uma celebração

75. Dentro de cada tempo vão acontecendo progressos na caminhada da educação da fé. Além das celebrações (etapas) que marcam a passagem de um tempo para outro, há ritos especiais dentro de cada tempo, feitos no meio da semana, para marcar os avanços que vão sendo gradativamen-te atingidos. Alguns desses ritos incluem "entregas" que representam os compromissos que vão sendo assumidos, como acontece, por exemplo, na entrega do símbolo da fé (o *Credo) e* da oração do Senhor (o *Pai Nosso).*

76. Já os *escrutínios* da quaresma, na sua qualidade de ritos penitenciais, visam uma progressão "na consciência do í pecado e no desejo de salvação", para caminhar ao en-, contro de Cristo, na noite pascal, Ele que é água viva, luz, ressurreição e vida (cf. RICA, n. 157). Aqui se faz um uso bem específico de uma palavra (escrutínio) que costuma ser usada de outro modo na linguagem comum. No RICA, os escrutínios são celebrações que levam a um exame de consciência e a uma reflexão sobre a libertação do pecado e de suas consequências, reforçando a adesão à Redenção oferecida por Cristo.

77. As *entregas* representam a herança da fé que *é* passada aos caminhantes. Outros rituais vão acompanhando o processo. Na *unção* suplica-se "a força, a sabedoria e as virtudes divinas, para que sigam o caminho do Evangelho de Jesus, tornem-se generosos no serviço do Reino..." (RICA, n. 131). Os *exorcismas* da quaresma pedem a libertação das consequências do pecado e da influência maligna, para que os catecúmenos sejam fortalecidos em seu caminho espiritual e abram o coração para os dons do Senhor (cf. RICA, n. 156). Aqui

também a palavra "exorcismo" é aplicada de formabem típica desse processo de iniciação: não são ritos assustadores; são orações, dentro das celebrações, que pedem a libertação de todo o mal. Para entender melhor todo o processo, recomenda-se a leitura do roteiro das celebrações, no RICA.

3.5.2 O pré-catecumenato (1° tempo]

78. No modelo catecumenal, em qualquer época do ano, as pessoas que querem viver o processo são recebidas por um catequista. São também acompanhadas por um introdutor ou introdutora, vão entrando em contato com a comunidade e com o ministro ordenado. Faz-se um primeiro anúncio - o querigma - (ou o novo anúncio, dependendo do caso) do mistério de Cristo, no diálogo com a pessoa, sua cultura e experiência religiosa. No caso dos já batizados, a aproximação (ou reaproximação) ao Senhor é decorrente do batismo recebido na infância e, eventualmente, dos outros sacramentos de iniciação já celebrados.

79. Esse é o tempo do despertar ou reavivar (para os que já tiveram alguma participação) a fé em Jesus Cristo e a conversão, tempo de perceber melhor a função da Igreja. O caminhante é incentivado a vivenciar a fé pela oração e pela mudança de relações com os outros e com a vida. Esperam-se pequenas atitudes que mostrem que isso está acontecendo. Os que vão alcançando esse estágio são convidados ao catecumenato. Os já batizados são incentivados a buscar o *Sacramento da Reconciliação.*

3.5.3 Rito de admissão ao catecumenato (1ª etapa)

80. O chamado de Deus e primeira adesão a Cristo, por parte dos candidatos, são marcados por uma primeira grande celebração, que é o rito de entrada no catecumenato. Nela eles são assinalados com a cruz do Senhor, pois pela fé já participam do mistério da morte e ressurreição. Depois são convidados a entrar na igreja *e a* ouvir a Palavra de Deus junto com a comunidade. Recebem *o Livro da Sagrada Escritura* como sinal de sua condição de ouvintes da Palavra. Assim são acolhidos no seio maternal da Igreja e reconhecidos como iniciantes no discipulado, catecúmenos

81. Os *batizados,* por sua vez, em tal celebração são acolhidos como membros da Igreja, *catequizandos,* fiéis que farão um }í percurso de intenso seguimento do Senhor. Alguns deles ,"° têm em vista o prosseguimento de sua iniciação pêlos sacramentos da Confirmação e da Eucaristia. Outros, já confirmados e comungantes, ao fim do processo catecumenal renovarão de modo especial seus compromissos batismais diante da comunidade. Em ambos os casos, ao longo do catecumenato, reviverão a riqueza da iniciação cristã: "a fé infusa no Batismo deve crescer, chegar à maturidade e enraizar-se profundamente..." (RICA, n. 296).

3.5.4 O catecumenato (2° Tempo)

82. Tendo sido feita a acolhida como catecúmenos na celebração da primeira etapa, se inicia o *catecumenato propriamente dito; é* a fase mais longa de todo processo de iniciação à vida cristã. Compete ao bispo, em comunhão com a Conferência Episcopal, estabelecer a este respeito normas mais precisas[18]. Durante este tempo os catecúmenos criam familiaridade com a Palavra de Deus, recebem formação catequética, são iniciados nos ritos litúrgicos e exercitam-se na prática da vida cristã. Pede-se deles uma progressiva

mudança de mentalidade *e* dos costumes com suas consequências sociais. *"A* formação propriamente catecumenal, conforme a mais antiga tradição, se realiza através da narração das experiências de Deus, particularmente da História da Salvação mediante a catequese bíblica. A preparação imediata ao Batismo é feita por meio da catequese doutrinal, que explica o Símbolo Apostólico e o Pai Nosso, com suas implicações morais" (cf. DNC, n. 47).

3.5.5 Celebração da eleição ou inscrição do nome (2ª etapa)

83. Com o rito da eleição, que geralmente acontece no início da quaresma, encerra-se o catecumenato propriamente dito e dá-se início ao tempo da purificação e iluminação. É uma celebração muito solene porque é um momento forte de todo o catecumenato. Os catecúmenos declaram diante do bispo ou seu representante o desejo e a decisão de se tornarem cristãos. O bispo, então, ouvindo o testemunho dos padrinhos em favor dos catecúmenos, acolhe e declara-os aptos a uma preparação mais específica, "eleitos" para os sacramentos pascais.

3.5.6 Purificação e iluminação (3° Tempo)

84. Nos quarenta dias da quaresma acontece o tempo de *purificação* e *iluminação.* Os catecúmenos são ajudados na revisão de vida e no retorno ao primeiro encontro com o Senhor. E um tempo em que se realça mais o cultivo da vida interior. Procura-se purificar os corações e aprofundar a conversão pelo exame de consciência e pela penitência.

85. São próprios deste tempo os *escrutínios,* as *entregas* do Símbolo (Credo), da *Oração do Senhor* (Pai-Nosso) e os ritos de preparação imediata. Os escrutínios realizam-se no 3º, 4° e 5° Domingos da Quaresma. Se motivos pastorais exigirem pode-se escolher outros domingos ou dias de semana. Têm por finalidade purificar, aperfeiçoar os sentimentos, as decisões e a adesão, fortalecer contra as tentações, orientar os propósitos e estimular as vontades (cf. RICA, n. 154).

86. "As *entregas,* que também podem ser antecipadas para o tempo do catecumenato por causa da brevidade do tempo da purificação e da iluminação, devem ser celebradas quando os catecúmenos derem sinais de maturidade" (RICA, n. 125). Os ritos de preparação imediata são feitos no Sábado Santo pela manhã ou no início da tarde.

3.5.7 Celebração dos sacramentos da iniciação (3ª etapa)

87. Na noite da Páscoa os iniciados recebem os sacramentos do *Batismo,* da *Confirmação e* da *Eucaristia. É* a terceira grande celebração ou etapa. "Os eleitos, tendo recebido o perdão dos pecados, são incorporados ao povo de Deus, tornam-se seus filhos adotivos, são introduzidos pelo Espírito na prometida plenitude dos tempos *e* ainda, pelo sacrifício e refeição eucarística, antegozam o Reino de Deus" (RICA, n. 27). Quanto aos adultos que já receberam o Batismo eles não deverão tomar parte dos ritos batismais, a não ser juntamente com toda a assembleia na hora da renovação do Batismo. Para estes, a data da Primeira Eucaristia e Crisma poderá ser marcada em outra época, de preferência durante o tempo pascal (cf. cap. IV do RICA).

3.5.8 Mistagogia (4° Tempo)

88. Ao longo do tempo pascal, acontece um prolongamento da experiência dos iniciados, um mergulho maior no mistério: o tempo da *mistagogia. É* este o último tempo da iniciação. Nele "se obtém o conhecimento mais completo dos mistérios através das novas explanações e sobretudo da experiência dos sacramentos recebidos" (RICA, n. 38). Nas missas os neófitos ocupam lugar de destaque, são lembrados na homilia e na oração dos fiéis. "Para encerrar o tempo da mistagogia, realiza-se uma celebração ao terminar o tempo pascal, nas proximidades do domingo de Pentecostes, até mesmo com festividades externas" (RICA, n. 237).

89. No aniversário do batismo é de se desejar que os neófitos se reunam para agradecer a Deus, partilhar sua experiência espiritual e renovar suas forças(Cf. RICA, n. 237-238). Terminado o processo catecumenal de iniciação à vida cristã, o neófito prossegue seu caminho de amadurecimento na fé através *da formação continuada.*

3.6 Características complementares do Catecumenato

3.6.1 Meios para se atingir a maturidade da vida cristã

90. A formação integral e vivencial realizada no catecumenato devem incluir as diversas dimensões da vida eclesial *e* da proposta do Reino. Visa levar os iniciantes a orar mais facilmente, dar testemunho da fé, guardar em tudo a esperança em Cristo, seguir na vida as inspirações de Deus e praticar a caridade para com o próximo, até a renúncia de si mesmos.

91. Quatro meios fundamentais são propostos para atingir esse objetivo:

a) a catequese que leve à íntima percepção do mistério da salvação e não só do conhecimento de dogmas e preceitos; para isso deverá estar relacionada ao ano litúrgico, distribuída por fases e apoiada nas celebrações da Palavra;
b) a continuação do acompanhamento pêlos introdutores, assim como o exemplo e a contribuição dos padrinhos (escolhidos nesse período) e dos membros da comunidade;
c) a liturgia, com os ritos de purificação e bênção, celebrações especiais da Palavra e participação gradativa nas celebrações da comunidade;
d) estímulo ao testemunho de vida e à profissão de fé dos caminhantes, como forma de colaborar para a evangelização e a edificação da Igreja (cf. RICA, n. 19).

3.6.2 Catequese e liturgia em mútua cooperação

92. A catequese e a liturgia se reforçam mutuamente no processo catecumenal. A catequese fornece meios para conhecer Jesus e viver a experiência pessoal de encontro com ele , e aceitação de sua proposta, de seu mistério de salvação. A liturgia ajuda a' guardar e assumir profundamente o que foi descoberto na caminhada. Assim, as celebrações da Palavra de Deus no catecumenato têm por finalidade "gravar nos corações dos catecúmenos o ensinamento recebido quanto aos mistérios de Cristo e a maneira de viver o que daí decorre (...); levá-los a saborear as formas e as vias de oração; introduzi-los pouco a pouco na liturgia de toda a comunidade" (RICA, n. 106).

93. A cada semana, as celebrações podem incluir um *exorcismo.* Já vimos o que é que o RICA chama de "exorcismo", algo diferente da conotação que essa palavra tem no imaginário comum do povo. São orações pedindo a proteção de Deus, a força para resistir ao mal e às tentações. Veja-se como exemplo as orações que estão no RICA (n. 113;164;171;178).

94. Também é bom relembrar que o termo *escrutínio,* usado no RICA, não é exatamente o que costumamos pensar quando ouvimos essa palavra. Trata-se de uma celebração, onde se espera que as pessoas ouçam a Palavra e através dela examinem sua vida com vistas a um progresso sempre maior no seguimento de Jesus. Na sua preparação pessoal para esses escrutínios e em toda a avaliação de sua caminhada, o catecúmeno conta com a ajuda de seus catequistas, do presbítero e do introdutor,que o acompanha passo a passo.

3.6.3 Um modelo inspirador, aberto a adaptações

95. Em muitos lugares já há experiências que estão pondo em prática o espírito catecumenal da iniciação cristã, com criatividade e adaptação. O próprio RICA chama a atenção para a necessária flexibilidade, quando diz: "O Rito de iniciação se adapta ao itinerário espiritual dos adultos, que varia segundo a multiforme graça de Deus, a livre cooperação dos mesmos, a ação da Igreja e as circunstâncias de tempo e lugar" (RICA, introdução, n. 5). O modelo catecumenal deve ser estudado e aplicado na medida do possível, na ação normal da Igreja (não é restrito a alguns grupos, movimentos etc.). São ricas orientações, mas sua aplicação vai ter que levar em conta uma grande variedade de situações, tanto das comunidades como dos candidatos envolvidos.

96. Devemos fazer sempre o melhor possível, mas não podemos ficar paralisados se as condições que nos cercam não permitem por em prática o modelo ideal. O catecumenato dá pistas importantes para a catequese e traz um estímulo muito grande para a qualidade da vida paroquial. Mas não deve ser visto como um esquema rígido, que impossibilite soluções criativas para situações específicas.

3.6.4 Alguns riscos e problemas do caminho

97. E importante não esquecer que a iniciação cristã é tarefa *do conjunto da Igreja.* As pessoas são iniciadas para a vida em Cristo. Viver essa vida a partir da espiritualidade de um grupo ou movimento pode ser uma opção pessoal, mas não é alternativa única que possa ser imposta para quem quer ser Igreja. E ótimo ter o melhor processo possível de iniciação, com todos os aprofundamentos que a situação permitir. Mas os que assim forem iniciados precisam superar a tentação de uma atitude de superioridade em relação a quem não teve tal oportunidade e aos que trabalham a partir de outros itinerários de evangelização. A humildade também tem que fazer parte do processo, para não se repetir em nossas comunidades aquela situação, criticada por Jesus, dd fariseu e do publicano que foram ao templo para orar (cf. Lc 18,9-14).

98. A iniciação no estilo catecumenal tem forte ênfase na liturgia, mas essa acentuação não pode deixar esquecidos outros aspectos da pastoral, como a dimensão sociotrans-formadora, o ecumenismo e o diálogo inter-religioso, a comunhão entre os diferentes agentes pastorais *e* seus campos de atuação. O justíssimo desejo de levar a sério o processo de iniciação e de ter cristãos realmente comprometidos, conscientes e imersos nas grandezas do mistério da fé não pode transformar a Igreja numa sociedade excludente que não seria capaz de acolher todos os que permitem por em prática o modelo ideal. O catecumenato dá pistas importantes para a catequese e traz um estímulo muito grande para a qualidade da vida paroquial. Mas não deve ser visto como um esquema rígido, que impossibilite soluções criativas para situações específicas.precisam e tem direito de se sentir amados por Deus. Situações especiais precisam ser tratadas com caridade, acolhimento, delicadeza. As nossas normas e disciplinas têm que ser caminhos, não portas fechadas.

99. Não se pode implantar um processo com esse nível de exigência sem a correspondente preparação e contínua reflexão e revisão de vida dos agentes, de todos os níveis, e sem uma grande atenção à qualidade do testemunho da comunidade inteira.

3.7 Outras situações podem usar aspectos do processo iniciático

100. Algo do processo catecumenal pode ser aplicado aos trabalhos *deformação continuada* que já existem nas comunidades, aprofundando a missão evangelizadora. Por exemplo: após os encontros de preparação para o matrimónio, o casal seria estimulado a participar de um processo de iniciação; casais que já vivem juntos podem celebrar o matrimónio após um processo de iniciação; padrinhos podem ser mais bem preparados e escolhidos com mais coerência em relação a sua missão.

101. Na verdade, a imensa variedade de interlocutores da missão da Igreja vai necessariamente determinar diversidade criativa na forma de atender a cada grupo ou pessoa.

Para refletir

1- Que aspectos desse processo a comunidade já estaria em condições de assumir?
2- Na sua realidade que adaptações criativas do que o RICA propõe seriam necessárias? Por quê?
3- Como se preparariam agentes qualificados para esse processo?

IV- INICIAÇÃO À VIDA CRISTÃ... PARA QUEM?

A mulher disse então a Jesus: "Senhor, dá-me desa água, para que eu não tenha mais sede, nem tenha de vir aqui tirar água"[Jo 4,15).

4.1 Destinatários como interlocutores

102. A samaritana faz um pedido a Jesus no meio de uma conversa em que ambos ouviram e foram ouvidos. Ela se sente capaz de falar e, falando e sendo ouvida, permite que Jesus responda de acordo com a sua necessidade. Esse falar e ouvir foram muito importantes para ela, ajudaram esclarecer dúvidas e descobrir que Jesus era o Messias. Por isso, inspirados pela ação de Jesus, consideramos os iniciantes como interlocutores e não como meros destinatários no processo de iniciação à vida cristã.

103. Jesus *se* aproxima da Samaritana pedindo água. Dar água, elemento escasso, era sinal de acolhida, hospitalidade, solidariedade. Em troca da hospitalidade, Jesus oferece sua própria água. Ao pôr-se no nível da necessidade corporal, pedindo água à samaritana, Jesus afirma a igualdade, suprime a discriminação e dignifica a mulher. Demonstra-lhe confiança. Interlocutor é ouvido. Ouvindo-o, percebemos melhor o que ele precisa e o que ele nos pode oferecer também. Em meio às suas dúvidas, a samaritana diz a Jesus o que lhe faz falta, fala de sua sede de água viva. Quais são as sedes dos homens e mulheres que vivem nesta época de mudanças, neste tempo de crise? Podemos nomear algumas: sede de felicidade, de paz, de sentido, de fraternidade, de vida, de escuta, de acolhida, de gratuidade, de amor, de alegria, de beleza, de misericórdia, de ternura, de perdão, de compaixão, de reconhecimento da sua própria dignidade, de justiça, de Deus...

104. Há um povo sedento, que procura a fonte, que quer uma água que sacie sua sede de um modo diferente... A Igreja é uma fonte por natureza, tem por missão apresentar o Caminho, oferecer a Água Viva. A samaritana conversa com Jesus a partir de sua própria experiência, inclusive no campo religioso. Sabe que há divergências sobre o lugar, o jeito "certo" de adorar a Deus. E a partir dessa dúvida que Jesus pode revelar a ela algo que ainda hoje, para nós, é fundamental e deve ser bem entendido e vivido: "Deus é Espírito e os que o adoram devem adorá-lo em espírito e verdade." (Jo 4,24) Ao falar do dom de Deus, de água viva que Ele é capaz de dar, Jesus instiga a curiosidade da mulher. Ela não reconhece ainda o dom de Deus em Cristo. Não conhece outra água , a não ser a daquele poço e pensa que se há de tirá-la com esforço humano. Ela não está acostumada à ideia da gratuidade e nem conhece o amor de Deus. Ela conhece o dom de Jacó, de quem aquele poço tornava presente a memória.

4.2 Diversas são as motivações dos que procuram a Igreja

105. O que faz alguém buscar a Igreja, mesmo sem ter recebido uma real iniciação cristã? Os motivos podem ser bem variados: saudade do Deus da sua infância, busca de significado para a vida, impacto provocado por alguma situação difícil, admiração diante de um testemunho autêntico, necessidade de cura ou consolo, desejo de regularizar alguma situação de vida (como no caso de desejar um casamento cristão), adultos que sentem que precisam de algo mais para orientar os filhos... Nem sempre estão buscando (ou até nem imaginam que exista) um processo mais completo de iniciação. "Na maioria das vezes, estão à procura de *esmolas* na fé, fingindo satisfação com as respostas superficiais que são dadas às suas vitais indagações e necessidades"[19]. Muitos buscam os sacramentos para si e/ou para seus filhos, sem motivações tão claras; frequentam a missa ou outras práticas de devoção tendo em vista alcançar graças, milagres, favores... Buscam a água que não mata a sede, pois ainda não conhecem a Água Viva.

106. Boa parte dos adultos católicos foi catequizada a partir das doutrinas e da metodologia do pequeno catecismo de perguntas e respostas. Alguns, depois, se aprofundaram *e* tiveram outras experiências evangelizadoras; outros guardam só uma vaga lembrança do que aprenderam na infância, outros se decepcionaram pelo caminho, muitos se perderam no meio dos apelos da cultura pós-moderna. Assim, além dos que nunca foram batizados, temos também os que participam sem real compreensão da identidade cristã, os que aparecem de vez em quando, os que foram gradativamente se afastando, os que se sentiram mal acolhidos em alguma situação, os que se sentem excluídos. Sobre isso, nos lembra o *Documento de Aparecida* "São muitos os cristãos que não participam da Eucaristia dominical nem recebem com regularidade os sacramentos, nem se inserem ativamente na comunidade eclesial. (...) Além disso, temos alta porcentagem de católicos sem a consciência de sua missão de ser sal e fermento no mundo, com identidade cristã fraca e vulnerável" (n. 286).

4.3 Uma comunicação que nem sempre tem sido de modo adequado

107. O conjunto dos que foram batizados, mas de fato não encontraram Jesus nos faz repensar o processo de evangelização, a ação missionária, o tipo de anúncio de que necessitamos. Reconheceram os bispos em Aparecida: "Na evangelização, na catequese e, em geral, na pastoral, persistem também linguagens pouco significativas para a cultura atual e em particular para os jovens" (DAp, n. 100d).

108. Ao considerar a linguagem, de forma ampla, temos que conhecer bem a situação de cada candidato à iniciação, porque a proposta que lhe vai ser

apresentada deve ser resposta à "sede" que cada pessoa experimenta com mais intensidade. O texto base do *Ano Catequético Nacional* 2009 lembra que evangelizar é, antes de tudo, não ignorar, e que não dá para educar, com profundidade, pessoas que a gente não se interessa em conhecer[20] (n. 30). Diante disso, p conjunto do processo de iniciação tem que ser pensado, em cada grupo, a> partir das necessidades e características das pessoas envolvidas.

4.4 Cada um tem que ser considerado na sua realidade humana

109. No diálogo com a Samaritana, Jesus sonda seu coração, sua vida, sua mente, sua fé. Revela, com isso, que a vida, a história, as experiências, os sentimentos, os sonhos, os projetos, os medos das pessoas devem ser consideradas, escutadas, valorizadas em todo o processo evangelizador, especialmente na Iniciação à Vida Cristã. Não há como viver a vida cristã e anunciar o Evangeho sem esta realidade, pois é nela que Deus se manifesta.

110. O povo que a Igreja tem a missão de acolher e servir é uma multidão, com rostos variados que precisam ser reconhecidos, identificados, personalizados. Destes, muitos procurarão na Igreja uma resposta para suas buscas. Outros, que convivem com sua sede sozinhos, ou vão à procura de outra água, em outras fontes, ou, ainda, contagiados pela cultura atual, nem se dão conta de que têm sede. Nós mesmos os buscaremos no trabalho missionário. Esta realidade requer da Igreja uma nova consciência, uma nova postura e novas atitudes pastorais. Ela é chamada e enviada para ir ao encontro, a dialogar, a acolher, sobretudo os afastados, os jovens, os pobres, os excluídos[21]. Todos precisam ser amados, reconhecidos e ajudados na busca do caminho.

4.5 Catequese diversificada, com itinerários especiais

111. Dada a diversidade de interlocutores do processo de iniciação à vida cristã, o Documento de Aparecida (n. 288) prevê duas maneiras de percorrer este caminho: catecume-nato batismal para os não batizados e catecumenato pós-batismal para os já batizados, mas não suficientemente catequizados.

112. Considerando as várias situações em que se encontram as pessoas a serem atendidas nos processos de iniciação (cf. DNC cap. VI), temos, entre outros grupos:

a) **Adultos e jovens não batizados:** é um grupo minoritário, mas crescente na medida em que declina o chamado catolicismo herdado. Exigem especial atenção, com incorporação a um catecumenato batismal nos moldes do RICA, com as devidas adaptações à realidade de cada um (escolaridade, situação pessoal, idade etc).

b) **Adultos *e* jovens batizados que desejam completar a iniciação cristã:** em geral já estão próximos ou querem voltar à Igreja depois de se terem afastado por não se sentirem mobilizados pelo que ouviram ou viram em relação à fé. Alguns necessitam completar sua iniciação sacramental (Primeira Eucaristia e Crisma).

c) **Adultos e jovens com prática religiosa, mas insuficientemente evangelizados:** formam um grupo muito grande. Frequentam a Igreja, mas não tiveram acesso às riquezas da mensagem cristã. Por conta disso, muitos separam fé e vida: vão ao templo, participam dos ritos, mas não transformam a vida com os critérios do Evangelho. Outros praticam um catolicismo popular pré-moderno, sendo vítimas de uma superficial educação da fé. Para todos esses seria necessária uma catequese de inspiração catecumenal, que complete sua iniciação, a fim de que

cheguem a uma fé viva, esclarecida, partilhada e comprometida.

d) **Pessoas de várias idades marcadas por um contexto desumano ou problemático:** entre elas pode vigorar, frequentemente, uma religiosidade conflitante, ambígua e confusa, embora possa manifestar muita confiança em Deus, apoiada em práticas de religiosidade popular ou em vivência religiosa do começo de sua caminhada Há aí um apelo veemente a uma real evangelização. Estas pessoas têm sede de inclusão, necessitam do *prmeiro anúncio* - querigma - ou *um novo anúncio* - que é o primeiro passo para a conversão; devem ser encaminhadas ao *discipulado,* para engajamento na Igreja e na construção do Reino. Têm que ser também apoiadas na específica situação difícil em que se encontram, valorizadas como filhos e filhas amadas por Deus e capazes de construir o bem.

e) **Grupos específicos, em situações variadas:** teríamos aí as diferentes variedaces de pessoas com deficiência, os povos indígenas, os ciganos, os intelectuais, as famílias formadas por casais de casamento misto, as pessoas que vêm de outras Igrejas ou religiões, as pessoas que não tem tempo por causa da correria da vida: todos merecem ser acolhidos e acompanhados no processo de iniciação de acordo com sua realidade, com tempo e programa adaptados.

f) **Casais em situação matrimonial irregular** e outros grupos impossibilitados de receber os sacramentos, sobretudo da Eucaristia, necessitam de uma evangelização adequada à sua condição especial. A Constituição Dogmática *"Dei Verbum"* (cf. n. 21) aponta um caminho para a participação de muita gente na Igreja ao afirmar que na mesa para a qual a Igreja nos convida o Pão da Vida tem duas formas: a Eucaristia e a Escritura. As duas formas merecem a mesma veneração, pois Cristo se faz presente tanto na Palavra quanto na Eucaristia.

g) **Adolescentes e jovens:** vivem diferentes situações religiosas, emocionais e morais. Muitas vezes atravessam crise de fé, são maltratados pela vida ou foram seduzidos por comportamentos desastrosos. Outros estão apenas buscando aprofundar uma opção de fé que de fato já fizeram e esperam ser ajudados nisso pela comunidade. É urgente propor a eles uma catequese com itinerários novos, aberta aos problemas e à sensibilidade dessa faixa etária, abrangendo o campo teológico, ético, social, espiritual.

h) **Crianças não balizadas e inscritas na catequese: é** também um grupo que está crescendo. Para elas, é necessário um catecumenato batismal, adaptado à sua idade, e sem pressa de chegar aos sacramentos de iniciação. O importante é a adesão a Jesus Cristo e a personalização do ato de fé.

i) **Crianças e adolescentes balizados que seguem o processo tradicional de iniciação cristã:** embora a atenção maior seja direcionada aos adultos, é urgente pensar um processo de iniciação que acompanhe as crianças em todo o processo da educação da fé, lembrando que é nesta fase que se atinge o maior número de catequizandos. Isso deveria, é claro, envolver a família. Em certos casos, isso não é possível. Então devemos ter consciência da responsabilidade maior que nos cabe na educação da fé dessas crianças, que buscam a Igreja sem o devido apoio doméstico.

113. Se não se consegue ainda uma renovação total do modelo de iniciação cristã tradicional, sempre será possível ir aos poucos dando um caráter cada vez mais catecumenal à catequese, com o objetivo de formar discípulos e missionários de Jesus Cristo, comprometidos com a vida e o dinamismo da Igreja e engajados

generosamente na construção do Reino de Deus na história.

Para refletir

1. Além do encontro com a Samaritana, que outros exemplos encontramos na prática de Jesus que podem iluminar nosso agir catequético, no processo de Iniciação à Vida Cristã?
2. Quais são as "sedes" que você identifica em sua comunidade?
   Que "água" a comunidade tem oferecido a quem vem até a fonte?
3. Quais são os rostos concretos das pessoas que procuram a catequese?
   Quais são suas motivações?
4. Como a realidade de cada pessoa e sua experiência é valorizada em sua comunidade, sobretudo na catequese e no processo de Iniciação à Vida Cristã?

V - INICIAÇÃO À VIDA CRISTÃ... COM QUEM CONTAMOS? ONDE?

> ***"Ora, como invocarão aquele em quem não creram? E como crerão naquele que não ouviram? E como ouvirão, se ninguém o proclamar? E como o proclamarão se não houver enviados?" (Rm 10,14-15)***

5.1 Os sujeitos e os agentes da Iniciação Cristã

114. Os participantes do processo de Iniciação Cristã devem ser vistos como *interlocutores* e não simples *destinatários* da Iniciação à Vida Cristã de inspiração catecumenal. Eles têm direito, portanto, a animadores, agentes e catequistas competentes e testemunhas do Reino, bem como a todo o apoio da comunidade eclesial que com eles trabalhem num processo participativo (Cf. DNC, cap. VI).

115. Diante disso é fundamental um cuidado especial na preparação e acompanhamento destes animadores, catequistas e agentes, dos quais depende em grande parte a caminhada dos que seguem o itinerário da Iniciação. Para isso se recomenda que a própria formação desses responsáveis seja no estilo catecumenal, possibilitando aos próprios catequistas viverem a Iniciação à Vida Cristã[22]. E apenas a formação inicial destes responsáveis não é suficiente, pois o compromisso que assumem é exigente e requer que assumam, com afinco, a formação continuada. Aliás, tanto a vida cristã como qualquer ministério que nela alguém venha a exercer, implica sempre um permanente estado de conversão, santificação, atualização, crescimento na espiritualidade, no conhecimento, e na intimidade com o mistério.

116. Os catequistas atuam em nome da Igreja. Paulo nos fala da necessidade de que os anunciadores sejam enviados pelo Senhor e investidos de autoridade, como representantes dele para a missão: *como o proclamarão se não forem enviados?* (Rm 10,15). É, portanto, em nome do Senhor que a Igreja faz o envio dos catequistas, e os torna, seus delegados, pois falarão e agirão em nome dela. É

por isso, que a missão dos responsáveis diretos pela Iniciação à Vida Cristã deve ser exercida, de modo a englobar nela todas as forças da Igreja. Afinal é a comunidade eclesial que evangeliza, catequiza, celebra e age em, por e com Cristo, na unidade do Espírito Santo.

5.2 O sujeito do processo de Iniciação

117. O RICA descreve bem qual deve ser o fruto de uma boa Iniciação à Vida Cristã: "de tal modo se completam os três sacramentos da iniciação cristã, que proporcionam aos fiéis atingirem a plenitude de sua estatura, no exercício da sua missão de povo cristão no mundo e na Igreja" (RICA, n. 2). Pelo teor dessa frase entende-se, consequentemente, que é o todo da vida cristã que deve ser o alvo da Iniciação e não apenas a recepção dos referidos sacramentos.

118. Mas a realidade dos fiéis, dos já batizados e das comunidades eclesiais, revela um abismo entre essa teoria teológica e litúrgica e a práxis. A cooperação dos fiéis com a graça divina é, portanto, indispensável e requer sempre mais atenção, sobretudo, nas circunstâncias atuais do mundo. Para eles, a complementação da iniciação sacramental ajuda a aprofundar a adesão individual a Jesus Cristo e os conduz, ao longo da vida, rumo à almejada maturidade em Cristo (cf. Ef 4,13).

119. A pessoa que ainda não foi batizada e que se sente chamada, por iniciativa gratuita de Deus, à fé cristã, tem direito a ser acolhida pela Igreja e orientada para que chegue a dar o seu sim pessoal e, em seguida, começar a trilhar o caminho do processo de Iniciação à Vida Cristã. Sua participação existencial é requerida como contrapartida à gra-tuidade da graça, pois a cooperação humana no mistério da salvação é indispensável. Afirma Santo Agostinho: o Deus que nos criou sem nós não nos salva sem o nosso sim à sua proposta[23].

120. Diante dessa exigência da salvação que, também, depende da nossa liberdade, a Igreja reconhece que há ainda um longo caminho a percorrer em sua missão de oferecer a Iniciação à Vida Cristã a quem pede para ser cristão e aos que desejam aprofundar a fé recebida no batismo. Cabe aos pastores e agentes de pastoral favorecer a estas pessoas que tiveram a graça de serem batizadas todo apoio para que realizem o encontro pessoal e intransferível com Jesus Cristo vivo, o assumam e ajustem suas vidas a ele, à seus ensinamentos e à sua missão. Os sacramentos da Iniciação precisam estar situados num itinerário adequado que garanta aos fiéis a opção consciente por Jesus, a inserção na Igreja e o engajamento na construção do Reino de Deus, com uma profunda marca de profetismo, devido às condições adversas do mundo de hoje.

121. É para caminhar nesta direção e, assim deslanchar a renovação da Igreja, que os bispos do nosso continente fizeram, em 2007, uma ousada proposta registrada no Documento de Aparecida: "Propomos que o processo catequético de formação adotado pela Igreja para a iniciação cristã seja assumido em todo o Continente como a maneira ordinária e indispensável de introdução na vida cristã e como a catequese básica e fundamental. Depois, virá a catequese permanente que continua o processo de amadurecimento da fé, na qual se deve incorporar um discernimento vocacional e a iluminação para projetos pessoais de vida." (DAp, n. 294).

122. Mas não se faz um processo de Iniciação sem priorizar a pessoa do candidato. Quem vai ser iniciado precisa ser considerado em seu todo corporal, afetivo, psíquico, intelectual, relacional para que o passo de fé que vai dar atinja e envolva todo o seu ser. Cabe, portanto, à Igreja - comunidade do Senhor e sinal visível do projeto do Reino - cuidar da qualidade da atenção às pessoas e das relações humanas. Estas, obviamente, devem se concretizar em gestos fortes e convincentes, expressos na acolhida, na fraternidade, na solidariedade, na criação de um ambiente amoroso. É significativo que Jesus tenha indicado um grande sinal para os seus discípulos: "Como eu vos amei,

assim também deveis amar-vos uns aos outros. Nisto conhecerão todos que sois os meus discípulos: se vos amardes uns aos outros" (Jo 13,34b-35).

123. É nesse clima específico de fé e amor que a evangelização e a catequese conseguirão sua meta de formar discípulos missionários que o mundo de hoje necessita. E, para isso, as pessoas que vão orientar a Iniciação, além do preparo religioso, pedagógico e espiritual devem dar condições para que o iniciante se sinta envolvido por esse carinho fraterno que Jesus desejou que fosse a marca da comunidade dos seus amigos. Mas não basta que pessoas, individualmente, sejam sinais de fraterna acolhida. A comunidade inteira, no seu modo de viver e de se relacionar, deve ter um jeito de casa acolhedora, de família de irmãos que se amam e se ajudam mutuamente, tornando-se cativante e atraente. É o que nos diz o Documento de Aparecida: "A Igreja cresce, não por proselitismo, mas por *atração:* como Cristo que 'atrai tudo para si' com a força do seu amor." (DAp, n. 159)

124. Discípulos formam novos discípulos e, nesse processo interferem pessoas e circunstâncias. Temos que lidar com a história de vida dos iniciandos, mas também com as Escrituras Sagradas, a liturgia, a vida da comunidade e o confronto com as necessidades e desafios da realidade que nos cerca. Para isso contamos com o testemunho de discípulos missionários, o acompanhamento próximo dos introdutores, amigos e companheiros de caminhada, com os catequistas, os ministros ordenados, a fraternidade vivida na comunidade e a postura da Igreja diante da sociedade.

125. No Itinerário catecumenal, não se deve ter pressa para a passagem do *Pré-catecumenato* para o *Catecumenato propriamente dito.* Deve-se esperar o tempo necessário para que os candidatos confirmem suas disposições, manifestem a fé inicial, apresentem os sinais de adesão pessoal **a Jesus** Cristo, portanto, de conversão (cf. RICA, Introdução 50).

5.3 Animadores da iniciação: ministérios e funções

126. O RICA tem importantes orientações sobre os agentes responsáveis pela Iniciação (cf. RICA, n. 41-48), que precisam ser conhecidas e devidamente adaptadas a cada situação. Aqui são oferecidas algumas propostas, especialmente no referente aos vários agentes, além do sujeito e de sua família. São eles: os Introdutores, o padrinho/madrinha, a comunidade eclesial, os ministros ordenados e o catequista

5.3.1 Os Introdutores/as e Padrinhos/madrinhas

a) Introdutores

127. Em geral, as comunidades cristãs desconhecem esta função, este ministério de Introdutor/a. Trata-se, porém, de uma pessoa que tem uma tarefa específica no início do processo de Iniciação à Vida Cristã, isto é, a de acompanhar, durante o tempo do *Pré-catecumenato,* os interessados em percorrer o caminho da Iniciação. É esta pessoa que prepara o candidato para acolher na liberdade o dom da fé, o anúncio da Boa Nova para assumir o encontro pessoal com o Senhor e as condições para a conversão e a fidelidade. Com um Introdutor, dedicado e competente, torna-se mais fácil o processo de Iniciação à Vida Cristã de inspiração catecumenal. E ele/a quem coloca as bases para o segundo tempo, o *Catecumenato propriamente dito,* no qual atuam os catequistas.

128. Como a tarefa principal do Introdutor é anunciar Jesus Cristo, evidentemente, cabe-lhe, sobretudo através da vida e de seu entusiasmo, ajudar o iniciando a encantar-se por Jesus Cristo, pessoa, mensagem e missão. Pelo exemplo desse Introdutor o candidato alimenta seu desejo de viver a experiência do encontro pessoal com o Senhor e se sente estimulado para inserir-se na comunidade cristã e a comprometer-se na missão. O iniciante sabe e sente que pode contar com o apoio

afetivo e de fé por parte de alguém que, para ele, é fidedigno. O Introdutor, porém, deve deixar claro em sua missão, que não está isolado, e tampouco o iniciante, pois toda a comunidade eclesial está envolvida no processo. É, porém, importante que seja explicado aos fiéis as orientações do RICA, n. 41,1 quanto ao papel imprescindível da comunidade no processo de Iniciação à Vida Cristã.

129. Mas, para bem viver este importante ministério na Igreja, o Introdutor precisa ter percorrido, ele mesmo, o caminho dos Sacramentos da Iniciação Cristã (Batismo, Confirmação e Eucaristia). E ele necessita, também, cultivar sua vida de fé, participar da vida da comunidade, alimentar-se com a Palavra de Deus, com a Eucaristia e a oração pessoal, ser fiel à Igreja e zelar por sua formação continuada, tanto em Bíblia, teologia e pastoral como em relações humanas, pedagogia, psicologia, comunicação e cultura geral. Sua missão requer dele grande capacidade de ouvir e dialogar, paz interior e disposição para acompanhar com paciência quem começa um processo que não apenas apresenta novidades, mas vai crescendo em exigências quanto à uma especial mudança de vida.

130. Uma vez criteriosamente escolhidos pela Coordenação da Iniciação Cristã e submetidos à aprovação do Conselho Pastoral, os Introdutores serão devidamente preparados. O processo formativo não é apenas de conteúdo, em estilo acentuadamente académico e formal, mas segundo a dinâmica da fé e da vivência, que por si mesma criam um clima propício e alimenta a espiritualidade. Além de uma visão geral da Iniciação à Vida Cristã, os Introdutores devem conseguir captar bem o pré-catecumenato, que é um tempo precioso e básico para todo o resto do processo. A parte mais importante da formação destes ministros se refere à pessoa, mensagem e missão de Jesus Cristo, para que tenham solidez, convicção e entusiasmo para este tempo dedicado, sobretudo, à Evangelização. Para um bom desempenho de sua missão eles precisam de elementos fundamentais de como lidar com as pessoas e fazer o acompanhamento delas para assessorá-las no caminho da opção de fé e do encontro pessoal com Jesus Cristo

b) Padrinhos e madrinhas

131. A renovação pastoral exige a superação da escolha de padrinhos e madrinhas, apenas por amizade e, portanto, às vezes, sem condições para o exercício dessa importante missão junto ao afilhado, à afilhada. Pode acontecer que o Introdutor ou Introdutora não exerça as funções de padrinho ou madrinha, do segundo tempo em diante e pelo resto da vida do catecúmeno. Escolhido no final do Primeiro Tempo para poder participar da Celebração ou Primeira Etapa o Padrinho ou Madrinha deve ser uma pessoa que conheça o candidato, seja capaz de testemunhar a sinceridade de quem se apresenta à Iniciação e dar-lhe o devido apoio pelo resto da vida.

132. Ao longo do processo da Iniciação à Vida Cristã, Padrinhos e Madrinhas assumem responsabilidades específicas e para elas precisam ser preparados. Entre suas tarefas há o acompanhamento para ajudar o catecúmeno a viver o Evangelho, auxiliá-lo nas dúvidas e inquietações, velar pelo seu crescimento na fé, na fraternidade, na vida de oração, na participação da vida da comunidade e no compromisso com a construção do Reino de Deus.

5.3.2 A Família no processo da Iniciação à Vida Cristã

133. Como primeiros e principais responsáveis pela vida e pela educação de seus filhos, os pais cristãos, obviamente são, pela força do sacramento do Matrimónio, os primeiros e principais educadores de seus filhos na fé, na esperança e no amor. Ao recorrerem à ajuda da comunidade eclesial para ajudá-los nesta missão, evidentemente não se eximem da mesma, pois para a Igreja a família exerce um papel essencial na evangelização, na catequese, na vida da comunidade e com a transformação do mundo.

134. A época das reuniões de pais de crianças, adolescentes e jovens da catequese paroquial não responde mais às novas exigências da renovação da Igreja e aos desafios do mundo de hoje. Os pais, agora, passam a integrar o processo de catequese com adultos, que existe não apenas em função dos filhos, mas da complementação da Iniciação por eles iniciada na infância ou de aprofundamento e de compromissos mais abrangentes e eficazes como cristãos. É preciso estar atento à situação dos pais que pedem os sacramentos da iniciação para seus filhos, especialmente quanto às suas motivações e ao envolvimento deles na vida da Igreja.

135. Há muitos casos de famílias, cujos membros pertencem a religiões diferentes e a distintas denominações cristãs ou são indiferentes. Há de se considerar, ainda, que a situação familiar está em permanente crise nesta mudança civilizacional. Cabe à Igreja um trabalho evangelizador e pastoral orgânico, pois diversas são as pastorais e iniciativas que lidam com os leigos adultos e que precisam ser integradas para bem cumprirem a missão que lhes cabe.

136. Como sinal e sacramento do amor misericordioso de Deus, a tarefa primeira da Igreja consiste em bem acolher os adultos e colocar-se à disposição deles. Ela existe para servir e, portanto, é seu desejo ajudá-los a ser e se fortalecer como discípulos missionários. Mas a Igreja se coloca também à disposição das famílias para ajudá-las a se transformarem em ambiente propído, não apenas à Iniciação Cristã de algum de seus membros, mas como verdadeiras igrejas domésticas, segundo o ensinamento do Vat. II.

137. Ao gerar e educar seus filhos, as famílias são cooperadoras privilegiadas de Deus Pai Criador, de Deus Filho Salvador e de Deus Espírito Santo santificador. Elas são essenciais na formação da comunidade cristã que alimentam e ajudam a crescer, ao mesmo tempo que dela são alimentadas pela Palavra, pêlos Sacramentos e pela fraternidade e recebem formação continuada. Cabe aos pais envolverem suas famílias no processo integral de Iniciação à Vida Cristã de seus membros. Não é suficiente acompanhar e se interessar pelo que está acontecendo nesse processo: requer-se deles, sobretudo, testemunho de vida, união, cooperação, • participação e alimentação em casa de um clima de fé, esperança e amor. "É missão dos casais cristãos dedicarem-se totalmente à boa educação humana e cristã de seus filhos.

138. Mas são muitas e variadas as situações das famílias no mundo de hoje. E, por isso, é importante na Igreja, uma bem articulada e dinâmica *Pastoral Familiar,* não isolada, mas em profunda comunhão com todas as demais pastorais. Para maior eficácia da Iniciação à Vida Cristã é fundamental a atitude de acolhida e compreensão para com os *casais afastados,* motivando-os a assumirem o dom da fé, a inserirem-se generosamente na comunidade eclesial e na construção do Reino. E para os casais em *situação canónica irregular,* a Igreja possui uma pastoral específica.

139. Os responsáveis diretos pela Iniciação Cristã zelem também pelo acompanhamento das famílias mediante iniciativas diversas, entre as quais a visita domiciliar. Para esta tarefa recorram à ajuda da *Pastjral da Visüação* e da *Pastoral Familiar. É* preciso ir ao encontro das pessoas, ao seu ambiente habitual e não apenas esperar que elas venham aos recintos tradicionalmente tidos como locais da Igreja.

5.3.3 Os catequistas do catecumenato propriamente dito

140. A ação mais forte e comprometedora dos catequistas se dá no segundo tempo do processo de iniciação à vida cristã de inspiração catecumenal, o mais longo de todos. É nele que acontece o *catecumenato* no sentido estrito do termo. Entre o primeiro tempo e o segundo, situa-se a *primeira etapa,* que consiste numa rica celebração de acolhida e sinalização dos candidatos, que passam a ser denominados catecúmenos. É importante que os que

percorreram o primeiro tempo sejam bem preparados para esta celebração e que nela os catequistas e os padrinhos e madrinhas sejam apresentados à comunidade e por ela abençoados.

141. O catequista, neste segundo tempo, é um mediador que ajuda os catecúmenos a acolherem, com todo o seu ser, a gradual e progressiva revelação do Deus amor e de seu Projeto salvífico. Ele os encaminha para que cada um realize seu encontro pessoal com o Senhor, mediante Jesus Cristo, o Filho de Deus ressuscitado, que nos leva, com o Espírito Santo, à comunhão com o Pai. É essencial que o catecúmeno, também, seja aos poucos inserido na comunidade eclesial e se engaje na construção do Reino de Deus.

142. Como afirma o documento *Catequese Renovada* (n. 144-146), o catequista, e acima isso já foi afirmado, recebe delegação da Igreja, isto é, do Bispo e da comunidade e, portanto, age e fala em nome da Igreja. E fundamental que ele vivencie seu ministério catequético como uma vocação e missão privilegiadas. Sem dúvida, trata-se de um dom Deus, mas que precisa ser bem acolhido e cultivado com a ajuda de todos os meios possíveis que subsidiem o seu crescimento na fé, na esperança, no amor, na competência em conteúdos, pedagogia e especialmente em espiritualidade.

143. É importante, também, deixar claro que a Iniciação à Vida Cristã de inspiração catecumenal exige uma nova formação dos catequistas e dos agentes de pastoral, caso contrário não acontecerá a almejada renovação da catequese e da Igreja. Não se trata de formar um professor de religião, ao estilo escolar, mas de uma pessoa investida com uma graça especial para colaborar na educação da fé, o que implica vivência profunda da adesão a Jesus Cristo, à sua Igreja e à Missão e, também, um processo pedagógico original, por lidar com pessoas que estão no caminho específico da explicitação e maturação da fé[24].

144. A missão do catequista é ampla e exigente, pois dele se requer alta competência no conhecimento da fé e dos conteúdos centrais contidos na pessoa, mensagem e missão de Jesus Cristo, no ensinamento da Igreja, nas Sagradas Escrituras e nos ensinamentos da Igreja. Mas exige-se também dele intensa vida espiritual, participação na comunidade eclesial, preparo básico em psicologia e comunicação e nos processos pedagógicos apropriados para a educação da fé e, ainda, uma ampla cultura geral e compromisso com a transformação evangélica da sociedade. É prudente que o candidato inicie seu compromisso de catequistas como auxiliar de alguém experiente, ao mesmo tempo em que faz sua preparação específica.

145. Há critérios para ser catequista e o Bispo deve explicitá-los. Entre estes critérios não podem faltar os seguintes: a) tenha recebido os Sacramentos da Iniciação Cristã (Batismo, Confirmação e Eucaristia); b) não tenha impedimentos canónicos, que o impeçam de exercer função ou ministério na Igreja; c) viva com simplicidade seu testemunho de vida cristã; d) tenha boa formação humana: equilíbrio psicológico, facilidade de trabalhar em grupo, bom relacionamento com os outros, dedicação, comunicação e criatividade.

5.3.4 A Equipe de Coordenação da Iniciação à Vida Cristã.

146. A Pastoral Orgânica deve contemplar a existência e orientação de uma *Comissão da Iniciação à Vida Cristã. É* evidente que, aos poucos, a tradicional *preparação* as sacramentos da iniciação cristã, cederão lugar ao *processo da Iniciação à Vida Cristã,* pois não se trata de apenas mudar de nome e continuar tudo como antes: essa equipe é fundamental para o modo como todo o processo da Iniciação vai ser vivido.

147. Por sua vez, os membros da referida *Comissão* devem receber uma *adequada formação* à Iniciação à Vida Cristã de Inspiração Catecumenal e à Pastoral Orgânica. Assim poderão, com conhecimento de causa, ajudar na formação de todos os catequistas e dos agentes de pastoral para um novo processo formativo dos fiéis, como pede o capítulo 6

do Documento de Aparecida. Conheçam bem o RICA e tenham capacidade para fazer as adaptações necessárias. Nesse processo formativo é importante, com os conteúdos da fé cristã, promover e estimular a vivência da fé, a fraternidade, o assumir do ministério evangelizador e catequético, e a arte de coordenar.

148. Segundo a realidade local podem ser criadas subcomissões adaptadas aos iniciantes e catecúmenos, como por exemplo, de acordo com as situações, as idades, as necessidades. É preciso, entretanto, que as subcomissões estejam bem integradas entre si e com a Comissão da Iniciação Cristã. Por sua vez é indispensável a comunhão com as demais pastorais, não apenas porque em geral atuam com os mesmos sujeitos envolvidos na Iniciação, mas por que é essencial manter a alimentar a Pastoral Orgânica.

5.3.5 A comunidade e seu estilo de vida

149. O iniciante no caminho da Iniciação à Vida Cristã precisa sentir-se bem na comunidade e descobrir nela o exemplo concreto do tipo de vida com o qual ele quer se comprometer. Mas é sabido que grande parte dos católicos que frequenta algumas atividades da Igreja pouca consciência tem< do compromisso e missão. Urge, então, que essas pessoas passem por um processo iniciático de conversão que os dinamizem na fé. Só assim estes fiéis renovados e a comunidade eclesial poderão, efetivamente, assumir de vez o dom e a responsabilidade do exemplo de discipu-lado missionário, capaz de formar e alimentar discípulos entusiasmados do Senhor (Cf. RICA, n. 41). Nesse sentido, o processo de iniciação é benéfico e educativo para a comunidade inteira, não apenas para os iniciantes.

150. Uma atenção especial deve ser dada às comunidades sem presbíteros para que lhes sejam garantidos, tanto o pão da Palavra e o Pão da Eucaristia, quanto os meios para crescerem na fé, na fraternidade e na missão. Evidentemente os Ministros da Palavra, os Ministros Extraordinários da Sagrada Eucaristia e os líderes dessas comunidades sejam especialmente formados e acompanhados, pois agem em nome da Igreja e em favor dos fiéis e não de si mesmos ou de um-grupo ou ideologia.

5.2.6 Os Ministros ordenados

151. A Conferência Episcopal: além das normas globais oferecidas pela Sé Apostólica e que se encontram sintetizadas no RICA, cabe à Conferência Episcopal fazer as adaptações que julgar necessárias para a Iniciação Cristã de inspiração catecumenal, incluindo, por exemplo, medidas de inculturação (RICA, n. 30.12). Ela pode, também, definir o pré-catecumenato, o modo de receber os que pedem a iniciação (simpatizantes ou solicitantes) e a instituição dos ritos e celebrações a serem usados ao longo do processo de iniciação.

152. O Bispo: como primeiro responsável pela Igreja particular[25], o bispo é catequista por excelência e deve ter a catequese, segundo diz Catechesi Tradendae, como a prioridade das prioridades[26]. Cabe-lhe, portanto, um zelo especial para com o processo da Iniciação à Vida Cristã e todas as iniciativas de formação continuada em sua diocese. Ele deve promover a alimentação da fé dos discípulos missionários confiados ao seu múnus pastoral. E ele que estabelece e dirige a Iniciação Cristã ou o ca-tecumenato, pessoalmente ou por seus representantes[27].

A ele compete, por si ou um representante, dirigir o processo de Iniciação à Vida Cristã, admitir os candidatos à eleição e aos sacramentos e presidir a celebração dessa admissão e dos Sacramentos da Iniciação, na Vigília Pascal, ao menos para os que atingiram *a* idade de 14 anos. O bispo é o responsável pela elaboração de um *Diretório Diocesano da Iniciação à Vida Cristã.*

153. A história nos revela o devotamento dos próprios bispos na Iniciação. Alguns "Padres da Igreja" se destacaram por trabalharem eles mesmos, diretamente, o tempo da *mistagogia. É* de grande proveito ainda hoje a leitura e meditação de suas catequeses mistagógicas, ricas em conteúdos e motivação que eles transmitiram aos que haviam recebido os Sacramentos da Iniciação na Vigília Pascal.

154. *Presbíteros e Diáconos* obviamente, devem se preparar constantemente para poderem fazer um assíduo e competente acompanhamento pastoral do processo de iniciação, animando os que dele participam e garantindo-lhes fidelidade e segurança às orientações da Igreja (cf. RICA, n. 45-47). Devem estar disponíveis especialmente aos que se mostram hesitantes e inquietos. Cabe-lhes aprovar a escolha dos Introdutores/as, dos padrinhos e madrinhas e cuidar da formação dos mesmos. É missão dos presbíteros zelar pela adequada formação dos responsáveis pêlos *quatro tempos* da Iniciação, e garantir que as celebrações e ritos das *três etapas,* sejam segundo as normas da Igreja, mas, sobretudo, que sejam realizadas de modo vivencial e envolvente, equilibrando afeto, conhecimento e a vontade dos que seguem o processo iniciático e os acompanham

5.4 Lugares da iniciação à vida cristã

155. Quanto ao local da Iniciação, o RICA, na introdução 63, é lacónico e se restringe aos ritos e celebrações: "Realizem-se os ritos nos lugaies adequados, levando-se em conta as necessidade especiais das igrejas secundárias em terras de missão".

156. E quanto ao local para a realização do processo de Iniciação, não há, no RICA, orientações específicas. O mais importante é que a Igreja particular assuma sua responsabilidade de ser o espaço eclesial de testemunho e evangelização por excelência. Ela não se reduz a um espaço geográfico ou estrutura pastoral. E como a Igreja é, por natureza, missionária ela deve estar presente e atuante nas diversas situações, lugares e ambientes, como por exemplo, em áreas de necessidade social, famílias, hospitais, meios de comunicação e outros ambientes para que os que participam da Iniciação não confundam Igreja com edifícios e demais espaços considerados sagrados.

157. Há grupos, associações, movimentos de nível regional, nacional ou internacional que ultrapassam as fronteiras da Igreja particular. Mas supõe-se que, ao agir localmente, estejam em sintonia com as orientações do bispo local e que se integrem à *Pastoral Orgânica da Diocese.* A unidade da Igreja é mais importante do que a afinidade com qualquer grupo, congregação religiosa, movimento e grupos, mas sem impedir que a multiforme expressão de dons, carismas, espiritualidades, ministérios, funções e modos de inserção cristã no mundo, contribuam com suas riquezas peculiares para o bem da Igreja e da sua missão evangelizadora. A Igreja pode contar com as iniciativas que brotam de espiritualidades capazes de empolgar grandes grupos e de criar espaços onde tanta gente consegue fazer seu encontro pessoal com Jesus Cristo vivo e descobre seu estilo de ser Igreja e agir como Igreja, desde, porém, que estejam em comunhão com a hierarquia, cooperem para a comunhão de toda a Igreja e favoreçam a opção pêlos pobres e o compromisso com a justiça.

Para refletir

1- Quais as propostas deste capítulo que, se forem efetivamente colocadas em prática, ajudarão a transformar a catequese e ajudar a renovar a Igreja?
2- Que sugestões você daria para mudar profundamente o processo de formação dos catequistas e demais agentes de pastoral à luz das orientações deste capítulo?
3- Como deveria ser a mudança das estruturas eclesiais (diocesanas e paróquias) para que o que se propõe neste capítulo possa sair do papel e passar para a prática?

"Completai a minha alegria, deixando-vos guiar pêlos mesmos propósitos e pelo mesmo amor, em harmonia buscando a unidade" (Fl 2,2).

Propomos aqui um horizonte para orientar a caminhada

158. Ao apresentar todas as considerações presentes neste texto, sabemos que nem tudo pode ser atingido nas diferentes situações concretas que a Igreja vive. Queremos uma transformação no modo de educar as pessoas para a fé? Sem dúvida! Mas o que propomos não é um **objetivo** que necessariamente tenha que ser atingido em todos os lugares e em prazos curtos. Quisemos propor uma direção para de fato fazermos uma verdadeira iniciação cristã: um **horizonte** para o qual as comunidades deveriam caminhar.
159. Por isso falamos em catequese de *inspiração* catecumenal: não é um projeto fechado, para ser seguido ao pé da letra em todas as situações. Há muita possibilidade - e certamente haverá necessidade - de adaptações, soluções locais criativas, maneiras de conviver com eventuais carências. Mas não se deveria perder de vista a direção proposta, para que, pouco a pouco, o que já é feito possa ir sendo redirecionado com inspiração catecumenal.
160. É bom lembrar igualmente que nossa catequese tem conquistas importantes que devem ser valorizadas, conservadas e aprofundadas. O novo que está sendo proposto não invalida o que temos e é bom, antes se enriquece com o que já existe e pode favorecer o processo. Nesse sentido, também é bastante útil conhecer as experiências ótimas que muitas comunidades já têm, partilhando o trabalho numa rede fraterna de informação e apoio mútuo

Queremos discípulos, não somente gente que faz "cursinho"

161. Muitas vezes usamos indistintamente, como sinónimos, as palavras "discípulo" e "aluno". Mas na verdade, discípulo sugere algo mais do que simplesmente uma pessoa que "aprende". O discípulo se encanta com o Mestre, quer segui-lo na originalidade de sua própria vida, acolhe na mente e no coração um novo jeito de tomar decisões, de compreender a realidade, de orientar suas forças criativas. Discípulos do mesmo Mestre podem - e de certa forma até devem-ser diferentes em seus talentos, em seu modo de vivenciar o ideal abraçado. Mas guardam a mesma inspiração forte daquele que os atraiu com seu exemplo, e se tornam equipe em comunhão, unidos na diversidade de modos complementares de viver o mesmo projeto.
162. E disso que estamos falando quando dizemos que a catequese é diferente daquilo que se faz numa escola: ela é uma experiência integral, que cada um vai viver a seu jeito, mas sempre em comunidade, sem "ponto final de chegada."
163. Por isso se torna tão importante vivenciar intensamente os tempos litúrgicos: é aí que se experimenta mais profundamente a mística do compromisso, da mudança de vida. E como, ao se orientar para um horizonte, não há fim de estrada, nenhum sacramento pode ser objetivo final, mas todos eles são consequência de uma caminhada que precisa prosseguir e deve ser sempre realimentada.

Um dom que nos alegramos em partilhar

164. O *Documento de Aparecida* examina com realismo os problemas e desafios com que nos confrontamos. Mas faz isso num clima de animada e esperançosa confiança na graça de Deus. O texto tinal de *Aparecida* usa 57 vezes termos relacionados à alegria (alegria, alegrar-se,

alegres...). É compreensível que seja assim. Se vamos empolgar outros pela proposta de Jesus que mudou nossa vida, como fazê-lo em tom sombrio, sem alegria?

165. Vamos apresentar aos iniciantes algo que nos é precioso, que transformou de forma grandiosa a nossa vida. Deus nos deu algo muito bom. Queremos partilhar essa dádiva e quem a recebe tem todo o direito de conhecer esse projeto tão animador que Jesus nos apresenta. Com os bispos em Aparecida, queremos testemunhar com palavras e ações essa verdade que nos alegra: "Ser cristão não é uma carga, mas um dom: Deus Pai nos abençoou em Jesus Cristo, seu Filho, Salvador do mundo." (DAp, n. 28)

166. Mergulhados nessa alegria, deixamos como mensagem a todos os que se sentem discípulos e querem fazer outros discípulos, um texto bem animador desse grande encontro da V Assembleia:

167. "A alegria do discípulo é antídoto frente a um mundo atemorizado pelo futuro e oprimido pela violência e pelo ódio. A alegria do discípulo não é um sentimento de bem-estar egoísta, mas uma certeza que brota da fé, que serena o coração e capacita para anunciar a boa nova do amor de Deus. Conhecer a Jesus é o melhor presente que qualquer pessoa pode receber; tê-lo encontrado foi o melhor que ocorreu em nossas vidas, e fazê-lo conhecido com nossa palavra e obras *é* nossa alegria." (DAp, n. 29).

GLOSSÁRIO SOBRE INICIAÇÃO CRISTÃ

Admissão: é o chamado "rito de entrada", quando o candidato se transforma em catecúmeno; "celebra-se o rito de admissão entre os catecúmenos quando as pessoas que desejam tornarem-se cristãs, tendo acolhido o primeiro anúncio do Deus vivo, já possuem a fé inicial no Cristo Salvador" (RICA, n.62; cf. n. 9,15). O *rito da admissão é* considerado como a primeira *etapa* do catecumenato (cf. Estudos da CNBB 97, n. 80-81)

Banho Batismal: o mesmo que batismo, palavra do grego que significa "mergulho"; o batismo é mergulho na morte e ressurreição de Cristo, participando da salvação (cf. Rm 6,3-6); é o primeiro dos três sacramentos da Iniciação, numa "unidade indissolúvel" com os outros dois (cf. Estudos da CNBB 97, n. 63).

Catecumenato: é o segundo tempo da iniciação cristã "dedicado à catequese completa... um espaço de tempo em que os candidatos recebem formação e exercitam-se praticamente na vida cristã" (RICA, n. 7,19). Estritamente falando *catecumenato* seria o "segundo tempo" da iniciação cristã, ou "catecumenato propriamente dito" (RICA, n. 134; cf. Estudos da CNBB 97, n. *82),* porém muitos chamam de *catecumenato* todo o processo da iniciação (cf. DNC, n. 36,45-50). Veja mais na frente: "processo catecumenal".

Catecúmenos: do grego "catekoúmenoi": aqueles que recebem a instrução oral (verbo "catekéo"). Há o *catecumenato batismal* ou pré-batismal, para os que ainda não foram batizados; e o *catecumenato pós-batismal,* para os que já foram batizados e agora completam ou refazem o próprio itinerário em direção a um maior compromisso com

sua opção cristã (cf. Estudos da CNBB 97, n. 77, 80, 82, 83,111).

Catequizandos : aqueles que já foram batizados e agora se preparam para receber a Primeira Comunhão Eucarística, a Crisma e demais sacramentos

Catequese: propriamente falando é o segundo tempo do catecumenato, tempo mais longo dedicado ao ensino, à reflexão e aprofundamento da fé (cf. RICA, n. *7),* tempo em que os catequizandos "recebem formação e exercitam-se praticamente na vida cristã" (RICA, n. 19); "distribuída por etapas e integralmente transmitida, relacionada com o ano litúrgico e apoiada nas celebrações da Palavra, leva os catecúmenos, não só ao conhecimento dos dogmas e preceitos, como à íntima percepção do mistério da salvação de que desejam participar" (RICA, n. 19:1). A finalidade da catequese "é aprofundar e amadurecer a fé educando o convertido para que se incorpore à comunidade cristã... ela exige contínuo retorno ao núcleo do Evangelho (querigma), ou seja, ao mistério de Jesus Cristo em sua Páscoa libertadora, vivida e celebrada continuamente na Liturgia" (DNC, n. 33). A catequese é precedida do *-primeiro anúncio* (pré-catecumenato) e sucedida pela *formação permanente* na comunidade. Conforme *Aparecida* a» catequese de iniciação é a "maneira ordinária e indispensável de introdução na vida cristã e como a catequese básica e fundamental. Depois, virá a catequese permanente que continua o processo de amadurecimento da fé" (n. 294).

Catequese mistagógica: veja "Mistagogia".

Catequese sacramentalista: concepção equivocada de catequese que a reduz à preparação dos sacramentos, isolados do resto da vida cristã (Estudos da CNBB 97, n. 55); toda catequese conduz aos sacramentos, mas não se reduz a eles, pelo contrário, tem em vista toda a vida cristã.

Catequistas: membros da comunidade, que pelo seu batismo e pela crisma, são chamados a anunciarem a Palavra. No processo da iniciação :ristã eles possuem um papel importantíssimo e insubstituível (cf. Estudos da CNBB 97, n. 3): "o catequista é um mediador que ajuda catecúmenos e catequizandos a acolherem, com todo o seu ser, a gradual e progressiva revelação do Deus-Amor e de seu Frojeto salvífico; ele os encaminha para que cada um realize seu encontro pessoal com o Senhor, mediante Jesus Cristo, o Filho de Deus ressuscitado, que nos leva, com o Espírito Santo, à comunhão com o Pai" (Estudos da CNBB 97, n. 141). O catequista "recebe delegação da Igreja, isto é, do Bispo e da comunidade e, portanto, age e fala em nome da Igreja; é fundamental que ele vivencie seu ministério catequético como uma vocação e missão privilegiadas. Trata-se de um dom Deus, mas que precisa ser bem acolhido e cultivado com a ajuda de todos os meios possíveis que subsidiem o seu crescimento na fé, na esperança, no amor, na competência em conteúdos, pedagogia e especialmente em espiritualidade" (cf. Estudos da CNBB 97, n. 64;142). Sua formação precisa ser também através de um processo de inspiração catecumenal (cf. Estudos da CNBB 97, n. 143; cf. também Estudos da CNBB 97, n. 144-145; CR, n. 144-146 e todo cap. VII do DNC, principalmente n. 252-294)

Competentes: veja "eleitos".

Conversão: "mudança radical de vida", reconhecer Jesus Cristo como seu Senhor (At 2,37-41; ITs 1,8; cf. RICA, n. l, 4, 6a, 10,15, 223, 50, 68... etc).

Eleição: rito de eleição, no início da Quaresma: é o momento central do Catecumenato, pelo qual, após o discerni-

mento (escrutínios) aqueles que realmente querem receber os sacramentos e se julgados preparados, são escolhidos (eleitos) para celebrarem os sacramentos. "Denomina-se *eleição* porque a Igreja admite o catecúmeno baseada na eleição de Deus, em cujo nome ela age" (RICA, n. 22; cf. Estudos da CNBB 97, n. 83).

Eleitos: assim são chamados após a eleição: escolhidos por Deus a participar de seu Povo, a Igreja de Jesus Cristo. São chamados também de *competentes* (cf. RICA, n. 153, n. 155; Estudos da CNBB 97, n. 83).

Entregas: ritos de entrega dos documentos-síntese da fé *(Símbolo* ou *Credo)* e da oração cristã (Pai Nosso). "Essas *entregas* representam a herança da fé que é passada aos caminhantes. Outros rituais vão acompanhando o processo" (cf. Estudos da CNBB 97, n. 75; 77;85-86; cf. RICA 25: n. 2,53,125,183,198... veja "tradítio" e "reddítio").

Equipe (Comissão) de Coordenação da Iniciação à Vida Cristã: é formada pêlos encarregados da tradicional *preparação* ao Batismo, à Confirmação e à Eucaristia; tal equipe coordenará todo o *processo da Iniciação à Vida Cristã* dando unidade a ele. É uma equipe fundamental para o modo como todo o processo da Iniciação vai ser vivido (cf. Estudos da CNBB 97, n. 146-148).

Escrutínios: ritos de discernimento com relação ao progresso no catecumenato e de purificação interior. Também significam exame da conduta moral (cf. RICA 25: n. 1,52,153,157-159...; Estudos da CNBB 97, n. 76;85;94)

Etapa: conforme o RICA são "passos, pêlos quais o catecúmeno, ao caminhar, como que atravessa uma porta ou sobe um degrau" (n. 6). São as três grandes celebrações que marcam a passagem de um *tempo* para o outro, dando o sentido de gradualida-de ao processo catecumenal (cf. Estudos da CNBB 97, n. 75).

Exorcismo: rito com a imposição das mãos, pedindo a Deus "a libertação das consequências do pecado e da influência maligna, para que os catecúmenos sejam fortalecidos em seu caminho espiritual e abram o coração para os dons do Senhor" (Estudos da CNBB 97, n. 77;93; cf. RICA, n. 156).

Família: seu papel no processo da Iniciação à Vida Cristã (cf. Estudos da CNBB 97, n. 133-139).

Iluminação: assin era chamado o Batismo; é também o tempo de preparação próxima para recebê-lo: a Quaresma. E o terceiro tempo do catecumenato, "destinado à mais intensa preparação espiritual" (RICA final do n. 7; cf. n. 21-22. Cf. Estudos da CNBB 97, n. 84-86).

Iniciação Cristã: é a introdução de alguém no "mistério de Cristo, da Igreja e dos sacramentos", por meio da proclamação da mensagem (querigma), da catequese e dos ritos sacramentais e outras celebrações. É obra do amor de Deus, por seu Filho no Espírito Santo; realiza-se na Igreja e pela mediação da Igreja, requer a decisão livre da pessoa e nela se realiza a participação humana no diálogo da salvação (cf. Estudos da CNBB 97, n. 62-66; DNC, n. 35-37, n. 45-50).

Iniciático: aquilo que se refere ao processo de iniciação.

Inscrição do nome: é o rito que se realiza por ocasião da "eleição" no tempo quaresmal. "Chama-se *inscrição dos nomes* porque os candidatos, em penhor de sua fidelidade, inscrevem seus nomes no registro dos eleitos" (cf. RICA, n. 22;51,17, 133; Estudos da CNBB 97, n. 83).

Inspiração catecumenal: um processo de iniciação cristã que, sem reproduzir estritamente o esquema do catecumenato pré ou pós-batismal, procura traduzir suas principais características (cf. Estudos da CNBB 97, n. lllc;127;151,135,159...). Catequese de *inspiração catecumenal* *é* o mesmo que catequese com dimensão catecumenal, com

caráter catecumenal, cunho catecumenal, feição catecumenal, etc.

Instituição dos catecúmenos: assim pode ser denominado o "rito de entrada", ou a primeira grande celebração do catecumenato (cf. RICA, n. 6,14,50,60...).

Introdutor: alguém da comunidade cristã que introduz na vida da Igreja e acompanha o(a) catecúmeno(a): "homem ou mulher, que o conhece, ajuda e é testemunha dos costumes, fé e desejo do catecúmeno" (RICA, n. 42; cf. Estudos da CNBB 97, n. 127-130;78;91b;124).

Ministros ordenados: ministros que, pelo sacramento da Ordem, são os primeiros responsáveis pelo processo de iniciação na comunidade: o Bispo, presbíteros e diáconos (cf. Estudos da CNBB 97, n. 151-154; DNC, n. 248-251;324-325,327,329).

Mistagogia: a palavra significa "introdução ao mistério"; na verdade toda catequese é mistagógica; porém, no processo catecumenal, é o último tempo da iniciação, durante o período pascal: visa ao progresso no conhecimento do mistério celebrado através de novas explanações, e ao começo da participação integral na comunidade; é o prolongamento da experiência dos iniciados (cf. Estudos da CNBB 97, n. 88-89; cf. RICA, n. 7d,37-40,237; DNC, n. 46c). Célebres são as "catequeses mistagógicas" dos Santos Padres (Estudos da CNBB 97, n. 253).

Mistagogo: à semelhança da palavra *pedagogo, é* aquele que introduz o catecúmeno ou catequizando nos mistérios da fé; todos que trabalham no processo catecumenal são mistagogos: ministros ordenados, catequistas, introdutores, pais, padrinhos...

Mistério: palavra grega *(mystériori)* usada no Novo Testamento para designar o plano de salvação que o Pai realizou em Cristo Jesus, principalmente por sua Morte e Ressurreição; por consequência, mistério é tudo o que a Igreja realiza para manifestar e realizar essa salvação divina ao longo da História, sobretudo os sacramentos (a palavra latina *sacramento* é tradução da palavra grega *mystériori).* A iniciação cristã é sempre iniciação aos mistérios de Cristo Jesus e de sua Igreja, através sobretudo do exercício da vida cristã e da celebração dos sacramentos (cf. Estudos da CNBB 97, n. *37-39;52-54;* DNC, n. 35-37,45-50,14g,33,60,117-122).

Mistérico: aquib que se refere ao mistério.

Modelo catecumenal: o mesmo que "catequese de inspiração catecumenal" [veja acima "inspiração catecumenal"; cf. Estudos da CNBB 97; n. 95).

Neófitos: o mesmo que recém iniciados na fé ou recém-batizados.

Padres da Igreja ou Santos Padres: assim são denominados os escritores antigos que viveram entre os séculos I a VIIDC e se distinguiram como mestres da fé e promotores da unidade da igreja. Sua doutrina é reconhecida pela Igreja como ortodoxa, verdadeira (cf. Estudos da CNBB 97, n. 44;153).

Padrinho/madrinha: pais espirituais da fé; "entre suas tarefas há o acompanhamento para ajudar o catecúmeno a viver o Evangelho, auxiliá-lo nas dúvidas e inquietações, velar pelo seu crescimento na fé, na fraternidade, na vida de oração, no interesse pela comunidade e pelo Reino de Deus" (Estudos da CNBB 97, n. 131-132 cf. RICA, n. 43).

Processo Catecumenal: o mesmo que "catecumenato": os procedimentos, práticas, ritos e celebrações que constituem a autêntica iniciação à vida cristã. Conforme o catecumenato antigo, o processo catecumenal é constituído em 4 tempos: pré-catecumenato, catecumenato, purificação-iluminação e mis-tagogia; e três grandes celebrações: admissão ao catecumenato, preparação para os sacramentos (eleição) e celebração dos três sacramentos da iniciação.

Pré-catecumenato: é o primeiro tempo do catecumenato: um espaço indeterminado de tempo para o acolhimento na comunidade cristã, o primeiro anúncio (querigma) ou evangelização e uma primeira adesão à fé (cf. RICA, n. 7a, 9-13; Estudos da CNBB 97, n. 78-79; 125).

Purificação - Iluminação: é o terceiro tempo do catecumenato, que se inicia com a segunda grande celebração (segunda etapa): é o tempo consagrado para preparar mais intensamente o espírito e o coração dos catecúmenos/catequizandos para celebrarem os sacramentos. "Nessa etapa, a Igreja procede à "eleição" ou seleção, e admite os catecúmenos que se acham em condições de participar dos sacramentos da iniciação nas próximas celebrações" (RICA, n. 22; cf. Estudos da CNBB 97, n. 84-86).

Querigma: originalmente significava "proclamação em alta voz" ou anúncio. No Novo Testamento é o anúncio central da fé, o núcleo de toda mensagem cristã, a boa notícia da salvação (evangelho). O *querigma é* tão importante na evangelização, que muitas vezes se torna sinónimo dela, embora seja apenas um dos seus aspectos (o mais importante). Veja "querigmático".

Querigmático: tudo o que se refere ao anúncio essencial da fé; o pré-catecumenato consiste basicamente nesse "anúncio essencial ou central da fé".

Reddítio: em latim significa "devolução": o catecúmeno, uma vez que recebe os principais *documentos* da fé *(tradítio)* "devolvia" essa mensagem recebida à comunidade em forma de vivência cristã, práticas evangélicas assimiladas em sua própria maneira de ser (cf. DNC, n. 39, principalmente sua nota 14). Veja *traditio.*

Religiões iniciáticas: religiões que na antiguidade ou ainda hoje praticam os ritos de iniciação. "O cristianismo foi até confundido com uma das tantas *religiões iniciáticas* que pululavam o Oriente Médio. Mas ele era algo muito mais profundo: para participar do *mistério de Cristo Jesus* é preciso passar por uma experiência impactante de transformação pessoal e deixar-se envolver pela ação do Espírito" (Estudos da CNBB 97, n. 41).

RICA - é a sigla do *Ritual de Iniciação Cristã dos Adultos* destinado à celebração do Batismo de Adultos, o que por sua vez requer série preparação, ou catecumenato. O RICA oferece pistas para o processo cate<[uético catecumenal, ajudando os adultos para que iluminados pelo Espírito Santo, conscientes e livres, procurem o Deus vivo através do caminho da fé e o da conversão. Em latim: OIÇA *(Ordo Initiationis Cristianorum Adultorum).*

Rito - Conjunto de gestos, orações, fórmulas litúrgicas, sinais e símbolos expressando na celebração uma realidade que não se quer significai. É o conjunto das cerimónias próprias de uma igreja ou religião.

Símbolos - em grego *syn-ballon,* significa colocar junto, confrontar. Mostra as relações entre dois elementos da realidade: um objetivo e outro subjetivo. O símbolo evoca, por meio de um objeto ou sinal um outro significado de algo que ele de-

seja expressar, como acontece por exemplo, com a bandeira, a cruz... e todos os símbolos cristãos, (cf. Estudos da CNBB 97, n. 12;53;74). Muitas vezes a palavra *Símbolo* designa também o *Símbolo dos Apóstolos* ou *Credo* (cf. RICA, n. 25,26,33,57).

Sinais - é a associação de duas realidades concretas unidas por uma conexão natural ou convencional que leva a um determinado sentido ou realidade (cf. RICA, n. 215,258, 349).

Sacramento: tradução latina da palavra grega *mystérion* (cf. Estudos da CNBB 97, n. 52); é um sinal visível de uma realidade invisível. O sacramento por excelência é Jesus Cristo, a Igreja é Sacramento de Jesus Cristo, e os sete sacramentos expressam a ação salvadora de Deus hoje através da Igreja. Os sacramentos são "momentos culminantes da participação no mistério de Cristo. O Vaticano II afirma que a liturgia, por sei celebração dos sacramentos, é cume e fonte da vida cristã" (Estudos da CNBB 97, n. 56). Veja acima a palavra *mistério.*

Sacramentos da Iniciação: são os sacramentos do *Batismo, Crisma e Eucaristia* que, na tradição antiga, eram recebidos simultaneamente, após um longo período de catecumenato (cf. DNC, n. 35). "Os três sacramentos da iniciação, numa unidade indissolúvel, expressam a unidade da obra trinitária na iniciação cristã: o Batismo nos torna filhos do *Pai,* a Eucaristia nos alimenta com o Corpo de *Cristo e* a Confirmação nos unge com unção do *Espírito"* (Estudos da CNBB 97, n. 63). Hoje a Igreja pede que se recupere essa *unidade dos três sacramentos* (cf. Estudos da CNBB 97, n. 87).

Tempo: no catecumenato "tempo" é o período em que transcorrem as quatro grandes partes do processo de iniciação à vida cristã: o pré-catecumenato, o catecumenato, a purificação-iluminação e a mistagogia. Entre um tempo e outro há as *etapas* ou *grandes ritos* de passagem (cf. RICA, n. 6-7; Estudos da CNBB 97, n. 72; 153; DNC, n. 46).

Tradição - em latim "traditio" vem do verbo "tradere", que significa "entregar, transmitir, passar adiante". Na linguagem teológica, a Tradição (com T maiúsculo) é o processo pelo qual o conteúdo da verdade revelada é transmitido às diversas gerações e ambientações culturais, empregando palavras e normas diversas, mas conservando sempre a sua essência, e tendo a chancela da autoridade dos sucessores dos Apóstolos.

Traditio: em latim significa "entrega": num rito durante o catecumenato a comunidade entrega ao catecúmeno ou catequizando os "tesouros da fé" ou seus principais *documentos* da fé: Bíblia, Credo e Pai-Nosso. Veja acima a palavra "entrega".